

HT-54

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CHICUALACUALA: A GUERRA NA FRONTEIRA
1975 - 1992

“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane”

BOAVENTURA SALVADOR MASSAIETE

MAPUTO
1999

94:32(679)
M 414C

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	27350
DATA	04/Julho/00
AQUISIÇÃO	oferta
COTA	HT-54

06

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CHICUALACUALA: A GUERRA NA FRONTEIRA
1975 - 1992

“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane”

BOAVENTURA SALVADOR MASSAIETE

MAPUTO
1999

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

RESUMO

A guerra de agressão que atingiu Moçambique desde 1976 protagonizada pelos rodesianos deu continuidade à acção iniciada pelo regime de Ian Smith antes da independência do nosso país. A presença de forças rodesianas em Moçambique a partir de 1972, na província de Tete, tinha como pretexto perseguir guerrilheiros zimbabweanos que operavam a partir daquela província. Os portugueses ao "assegurarem" a guerrilha nacionalista em Moçambique serviam de tampão para impedir que a guerra chegasse às fronteiras da Rodésia. Proclamada a independência nacional, forças rodesianas intensificaram as suas acções através de bombardeamentos efectuados por aviões, artilharia e infantaria. Concomitantemente os serviços secretos rodesianos (CIO) preparavam um movimento militar para operar clandestinamente em Moçambique para fornecer informações sobre os campos de refugiados zimbabweanos e suas posições militares. Este movimento (MNR/Renamo) que iniciou as suas operações em 1977 realizava as suas acções na região central do país para atacar objectivos limitados. Contudo, as mudanças políticas operadas na Rodésia com a vitória da ZANU-PF, forçaram a transferência do MNR/RENAMO para a África do Sul onde foi integrada na Estratégia Total sul-africana. A África do Sul ao assumir a RENAMO tinha em vista usá-la para obrigar Moçambique a mudar a sua posição face a luta anti-apartheid protagonizada pelo ANC. Para o efeito a estratégia sul-africana foi de alargar as acções da Renamo a todo o país, para desestruturar a economia moçambicana e tornar as instituições governativas fragilizadas.

Durante os 16 anos que durou o conflito armado, o distrito de Chicualacuala por ser um distrito fronteiriço com a Rodésia e África do Sul, desempenhou um papel preponderante para as forças de agressão. A Rodésia, ao atacar o distrito tinha em vista tirar dividendos

políticos por ser o distrito fronteiriço mais próximo da capital onde se encontrava o corpo diplomático e o poder político a fim de forçá-lo a retirar o apoio que concediam aos guerrilheiros zimbabweanos. Quanto à África do Sul, ao assumir a Renamo definiu o distrito como zona de penetração terrestre dos guerrilheiros da Renamo a partir dos campos de treino sul-africano de Phalarborwa para as províncias de Gaza e Inhambane e as regiões centro-norte de Moçambique. A extensão e a fraca densidade populacional do distrito foram preponderantes como zona de trânsito dos guerrilheiros da Renamo.

DEDICATÓRIA

A minha esposa Ana António Uamusse, aos meus filhos Claudina Stela, Edson Salvador e Astrogildo que tudo fizeram para que fosse possível a realização deste trabalho.

Aos meus pais pelo apoio moral e material ao longo da minha vida estudantil

A minha avó Nora Maculuve.

À memória do grande amigo Belarmino Silvestre Gonhamo.

Aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Através desta quero expressar os meus sinceros agradecimentos a todos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Um profundo reconhecimento de gratidão ao Professor Doutor João Paulo Borges Coelho, meu supervisor, pela orientação e acompanhamento de todo o processo de elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Doutor Gerhard Liesegang pelo apoio prestado. Ao Doutor Gulamo Tajú pela revisão do texto e sugestões.

Ao grande amigo Lucas Gulube pelo apoio moral prestado ao longo deste trabalho.

Um abraço de gratidão ao Roberto André Dove, pela paciência que teve na revisão do texto.

Agradecimentos especiais vão para o Departamento de Museus e a Dr. Alda Costa pelo apoio prestado e pela paciência que teve durante o período de ausência no trabalho.

E por fim a todos os amigos e colegas pelo apoio prestado.

GLOSSÁRIO

ANC – Congresso Nacional Africano

CIO – Central Intelligence Organization

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

GE's – Grupos Especiais

GEP's – Grupos Especiais Pára-quedistas

MNR/RENAMO – Movimento Nacional de Resistência

PIDE-DGS – Polícia Internacional de Defesa do Estado/Direcção Geral de Segurança

RSA – República da África do Sul

RSA – República da África do Sul

ZANLA – Zimbabwe African National Liberation War

ZANU – Zimbabwe African National Union

ZAPU – Zimbabwe African Popular Union

ZDF – Zimbabwe Defence Force

SUMÁRIO

	PAG.
DECLARAÇÃO	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
GLOSSÁRIO	IV
INTRODUÇÃO	1
Breves Notas sobre o Distrito de Chicualacuala	7
I ANTECEDENTES	
1.1 As Relações entre Moçambique e a Rodésia (1965-1976)	10
1.1.1 A Nível Económico	10
1.1.2 A Nível Político	12
1.1.3 A Independência de Moçambique e os Movimentos de Libertação do Zimbabwe	19
II A GUERRA RODESIANA E O DISTRITO DE CHICUALACUALA	
2.1 As Causas da Guerra	27
2.2 A Rodésia e a Criação da RENAMO	39
III A GUERRA DA RENAMO (1980-1992), O DISTRITO DE CHICUALACUALA	
3.1 Os Primeiros Focos da Guerra	42
3.2 O Papel sul-africano no Conflito Armado em Moçambique	46
3.3 O Acordo de Nkomati	52
3.4 A Renamo e o Processo da Guerra no Distrito	56
3.5 A Importância Geo-Estratégica de Chicualacuala	68
CONCLUSÃO	72
BIBLIOGRAFIA	75

INTRODUÇÃO

Meio século depois da Conferência de Berlim, que definiu as modalidades de colonização sobretudo em África, iniciava o processo de descolonização no sudeste asiático. Este processo teve o seu início durante o segundo maior conflito armado de que há memória no mundo: a 2ª Guerra Mundial.

A descolonização iniciado na 2ª Guerra Mundial, subdividiu-se em dois processos de emancipação dos países colonizados. O primeiro, que foi implementado na maioria das ex-colónias, sobretudo inglesas, belgas e algumas francesas, caracterizou-se por uma concessão rápida de autonomias, através da instalação de um governo local, dirigido por um primeiro-ministro, durante um período transitório até a proclamação da independência, dentro de um quadro legislativo (constituição) que preservava os interesses do colonizador. O segundo caracterizou-se por uma resistência à concessão de autonomias as colónias o que se verificou em todas as colónias portuguesas e algumas francesas, como a Argélia e as da Indochina.

Analisando o caso das colónias portuguesas verifica-se que em caso algum Portugal aceitou discutir a emancipação das suas colónias, considerando-as como parte integrante do seu território.¹ Esta recusa de Portugal era contrária ao movimento libertador que assolava todas as possessões coloniais e resultou em guerras de libertação nacional. Estas guerras foram necessárias para se alcançar

¹ Esta recusa de Portugal estava em consonância com o Acto Colonial promulgado em 1930 que, consagrava a unidade política e moral de todos os territórios portugueses, a solidariedade económica e a especialização do direito aplicado a cada uma das colónias. Cf Oliveira, 1996, p.22.

as independências proclamadas em 1975 em Angola e Moçambique. Após a proclamação das independências estes países viram-se envolvidos em guerras de agressão que destruíram praticamente infra-estruturas económicas e sociais e, estas agressões estrangeiras faziam parte da luta ideológica entre o leste e o ocidente no contexto da Guerra Fria.

Sobre os processos de descolonização realizaram-se diversos estudos e, de forma singela, pretendendo dar uma achega a estes estudos. Deste modo a minha contribuição vai incidir sobre Chicualacuala como estudo de caso no âmbito da História Social e da Guerra no período compreendido entre 1974-1992.

Constituíram factores de escolha de Chicualacuala a sua localização geográfica - distrito fronteiriço com a ex-Rodésia e com a África do Sul, o que o tornava vulnerável aos ataques rodesianos após a proclamação da independência até ao início de 1980, ano do início dos ataques da RAS - RENAMO a partir de Phalaborwa. Outros factores que concorreram para esta escolha tem haver com o seu valor económico: é atravessado pela linha férrea do Corredor do Limpopo que liga Moçambique a Rodésia; localiza-se a Reserva Faunística de Banhine; é pouco habitado e constituído por extensas florestas.

O presente trabalho pretende deste modo apresentar como é que Chicualacuala foi integrada neste processo de luta entre os regimes brancos da África Austral, os movimentos de libertação do Zimbabwe e o Moçambique independente dirigido pela FRELIMO.² Este é o problema que me leva a colocar as

² Ou seja teria o distrito de Chicualacuala desempenhado um papel preponderante no processo de luta de libertação do Zimbabwe partindo do pressuposto de que a maior parte das bases dos movimentos de libertação do Zimbabwe localizavam-se em Tete desde a luta de libertação nacional encabeçada pela FRELIMO?

seguintes hipóteses de trabalho:

- Nas relações económicas entre a Rodésia e Moçambique, Chicualacuala desempenhou um papel importante por ser atravessado pelo corredor do Limpopo, por onde transitavam 34% das exportações rodesianas;
- Grande parte dos colonos que exploravam as terras ao longo das margens do rio Limpopo refugiaram-se na Rodésia a seguir ao 7 de Setembro de 1974. Explica-se talvez assim o porque dos primeiros alvos das forças rodesianas visava essas propriedades;
- A independência de Moçambique alargou as zonas de infiltração de guerrilheiros do Zimbabwe na Rodésia para zonas antes desguarnecidas como a região fronteiriça de Chicualacuala;
- A transferência da RENAMO para África do Sul tornou Chicualacuala um corredor dos guerrilheiros deste movimento dos campos de treino na R.S.A. para o Centro do país;
- Devido a fraca densidade populacional Chicualacuala facilitou a circulação dos guerrilheiros da RENAMO.
- A literatura consultada sobre o assunto refere que Moçambique foi uma porta preponderante da Rodésia no comércio internacional por onde passavam 85% das suas exportações e gerava rendimentos para Moçambique através da prestação de serviços pelos portos e caminhos de ferro. O corte de relações comerciais entre os dois países teve como consequências, o declínio das receitas em divisas que o país

ganhava.

- Sobre os 16 anos de guerra que assolou o país muitos autores estão de acordo que a Rodésia agrediu o país sob o pretexto de perseguir guerrilheiros zimbabweanos que lançavam seus ataques a partir de Moçambique. Outro aspecto em que há consonância está relacionado com o papel rodésiano na criação da RENAMO e da Rádio Voz da África Livre. Há consenso em todos os autores que a prática do MNR é a destruição de infra-estruturas económicas e sociais, e que a partir de 1980 quando passou a tutela da África do Sul, foi lhe incumbida uma nova missão: desestruturação económica, social e política do país.
- Estudos realizados por Geffray³ em Eráti e Namapa, Província de Nampula, recentemente desenvolvidos por José Magode, Irae Lundin, Hans Abrahamson entre outros, tentam demonstrar que "os motores da desestabilização e dos seus efeitos não residem isoladamente em factores internos e externos", mas na "interacção entre esses factores" pode-se encontrar melhor explicação do processo, ou seja, sem condições locais a guerra não teria a dimensão que teve. Estes estudos não fazem referência ao processo de recrutamento feito pela RENAMO para aumentar os seus afectivos, limitando-se a apontar o facto de a FRELIMO ter marginalizado o poder tradicional; ter criado os aldeamentos e o não respeito pelos costumes ancestrais, o que

³ Geffray, 1989, p.51.

provocou um descontentamento nos camponeses. Segundo os mesmos autores este facto constituiu a causa para os camponeses aderirem à RENAMO. De facto é de considerar esta causa, mas a maior parte dos efectivos foi recrutada através de formas coercivas.

- Relatos publicados descrevem que o primeiro acto para se tornar guerrilheiro da RENAMO era o de praticar um crime, matando um familiar e/ou membro da comunidade/grupo em que se estava inserido, o que lhe obrigaria a fugir receando retaliação. Minter afirma que o rapto de pessoas era uma actividade regular das unidades militares da RENAMO e que o único factor comum, que parece ter dominado a entrada para a RENAMO foi o facto de estarem numa zona vulnerável aos ataques e não por qualquer comunhão de ideologia, posição de classe, grupo étnico ou atitude política.⁴ Para aumentar efectivos as forças governamentais também procederam da mesma maneira mas a uma escala mais baixa.⁵
- Ao longo do trabalho tentar-se-á demonstrar que o maior alvo da RENAMO foram as populações por serem as produtoras de alimentos, detentoras da força de trabalho para o transporte de carga diversa incluindo o material militar. O Relatório Gersony apresenta dados numéricos deste facto que torna a tese de Abrahamson ser discutível.

⁴ Minter, 1998. P.229.

⁵ O sistema de recrutamento dos efectivos governamentais estava subordinado aos princípios da Lei 4/78 sobre o Serviço Militar obrigatório. Contudo nem sempre eram observados os critérios nela contidos por diversos factores

Para a elaboração do presente trabalho a metodologia seguida Consistiu, numa primeira fase, no levantamento bibliográfico sobre metodologias de trabalho de campo e na documentação produzida sobre o processo de guerra em Moçambique. A segunda fase, decorreu na área de estudo e teve como foco principal a realização de entrevistas às estruturas administrativas, população local e os antigos militares residentes no distrito. Por último, procedeu-se a produção da dissertação através do material recolhido e de outro consoante a pertinência das preocupações que foram surgindo.

São estes em linhas os elementos que irão constar ao longo do trabalho que a seguir se apresenta.

Breves Notas sobre o Distrito

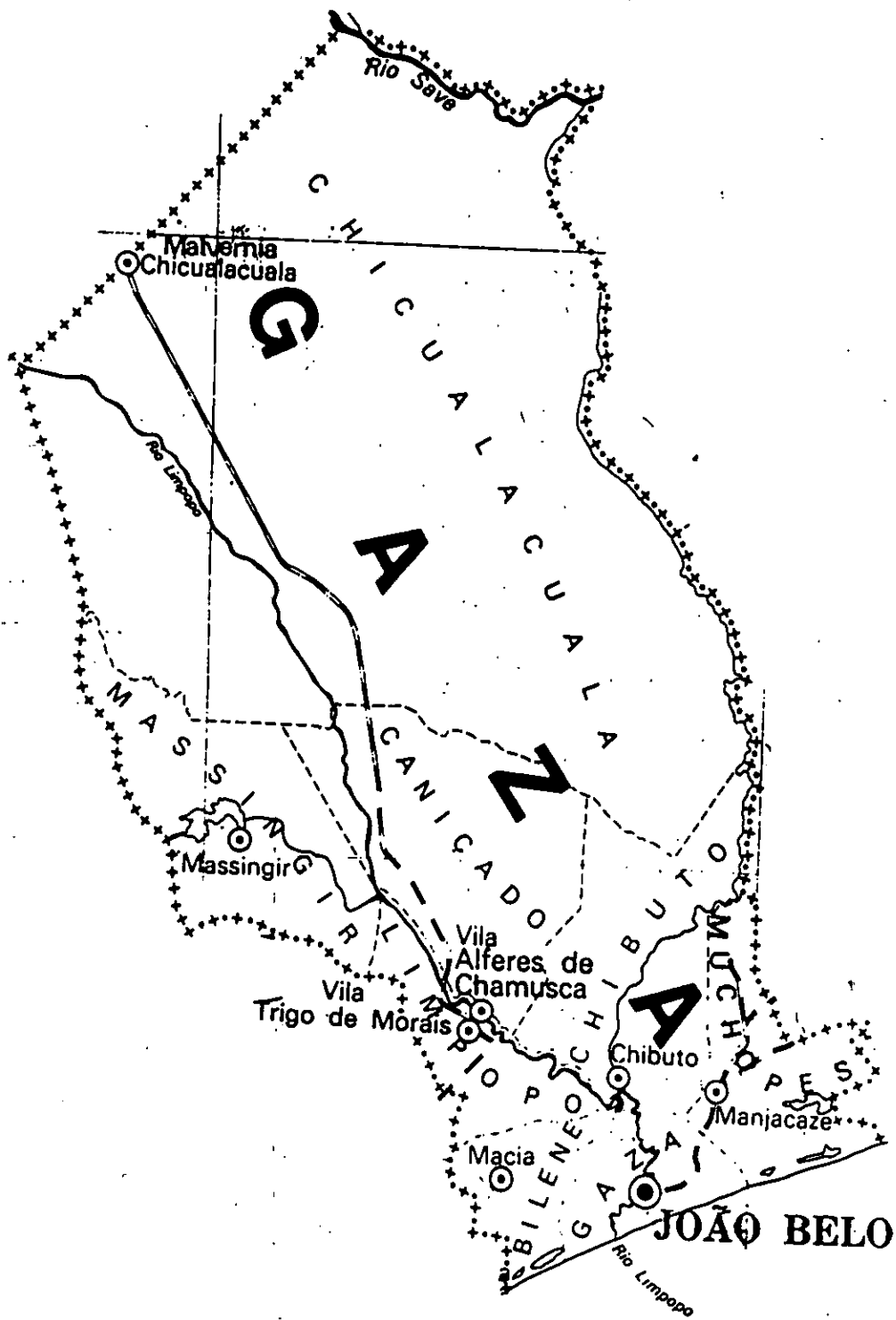
Durante as campanhas de ocupação, o actual distrito de Chicualacuala constituía em 1890, área do Comando Militar de Chiqualaquala.⁶ Desde essa altura, por imperativos administrativos foi integrado na circunscrição/concelhos ou postos administrativos de Mavue, Pafúri e do Alto Limpopo, até que, com a construção da linha férrea, se estabeleceu a actual vila de Chicualacuala que viria a assumir as funções de sede de circunscrição. o Distrito de Chicualacuala, antigo Concelho de Malvénia⁷, foi criado pela Portaria 11356 de 18/12/1956 (mapa 1) e abrangia os actuais distritos de Massangena e Chigubo(Saute) e uma parte do Guijá, antigo Caniçado. Com A Independência Nacional, através do Decreto 6/75 de 18/1/1975 que introduzia nova toponímia a certas regiões do país, o distrito tomou a designação de Chicualacuala.⁸

Chicualacuala é o mais extenso distrito da província de Gaza ocupando uma área de 16 035 km² e devido à sua grandeza, possuía uma área superior a da Província de Maputo, tendo sido dividido em novos distritos, através da Resolução 6/86 de 25 de Julho, dando origem a criação do Distrito de Massangena e de Chigubo (mapa 2). Chicualacuala localiza-se a noroeste de Xai-Xai, faz fronteira a ocidente com o Zimbabwe e África do Sul a norte faz fronteira com o distrito de Massangena e Chigubo, a leste com o distrito de Mabalane e, na parte sul com o

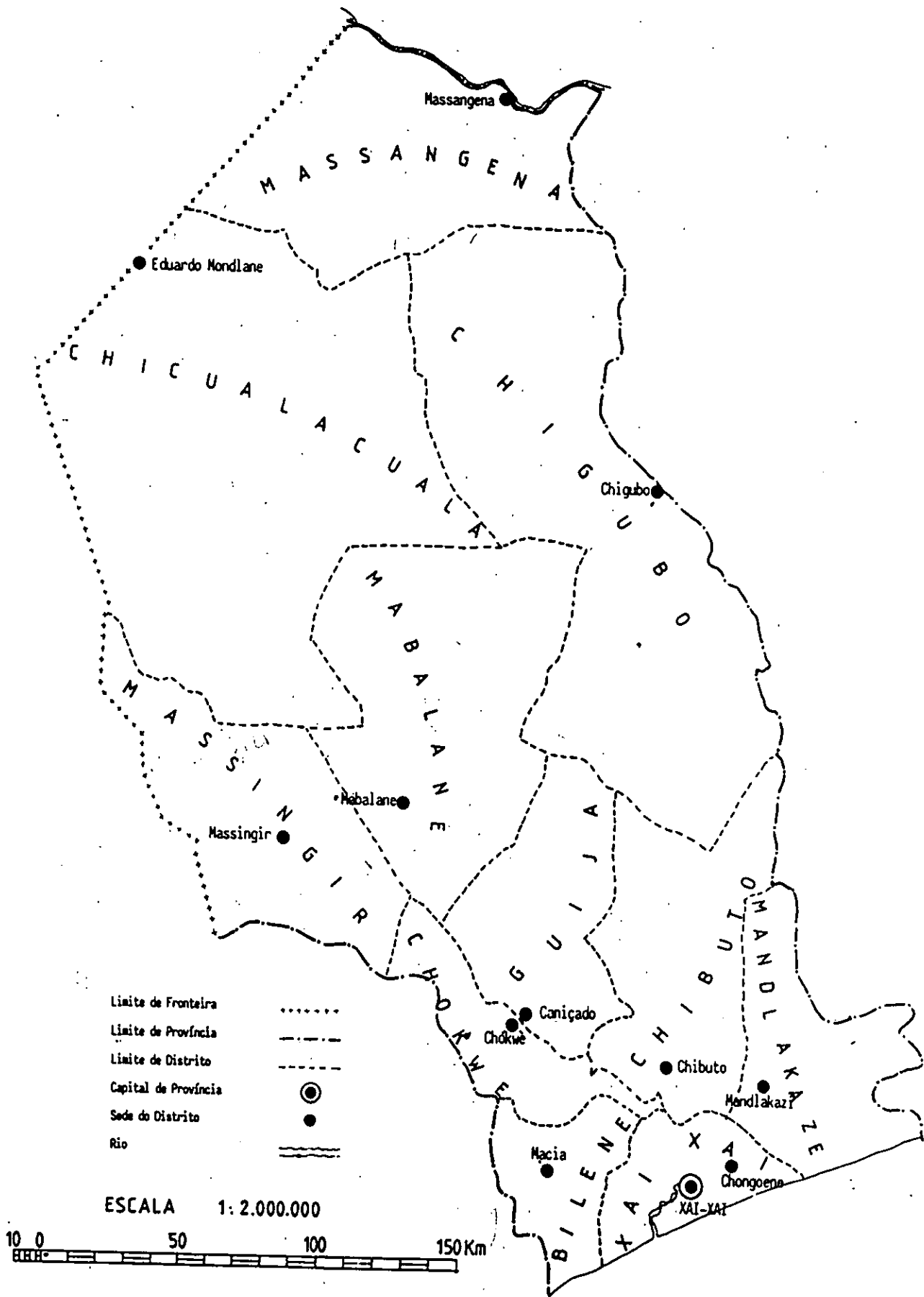
⁶ Dias, 1981. P.15.

⁷ O distrito tomou a designação de Malvénia em homenagem ao Sir Godfrey Huggind, Visconde da Malvénia, antigo primeiro-ministro da Rodésia do Sul e Federação da África Centeal. Enquanto as autoridades portuguesas atribuíam o nome de Malvénia ao novo entreposto ferroviário, os Rodesianos faziam o mesmo atribuindo o nome do ditador português - Salazar, ao entreposto existente do seu lado como forma de reconhecimento de boas relações entre os dois governos.

DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA
PROV. DE GAZA A ANTES DE 1986



DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA PROV. DE GAZA EM 1986



distrito de Massingir. É atravessado pela linha férrea que liga Moçambique ao Zimbabwe, a partir do Porto de Maputo.

O distrito situa-se numa região de solos sedimentares, com uma altitude até 200 metros. O clima da região é tropical seco com uma pequena faixa na zona de Pafúri que é de clima tropical semi-árido. A precipitação é inferior a 400 mm anuais que ocorre geralmente entre os meses de Outubro e Janeiro. A flora é constituída por savanas de Mopane.

Este distrito é pouco povoado, tem neste momento segundo o censo de 1997, cerca de 33 284 habitantes distribuídos da seguinte maneira: Chicualacuala-sede 13.584; Mapai - 4.194 e Pafúri - 15.501 (estas duas últimas regiões são postos administrativos).⁹ A densidade populacional varia entre 1 a 3 habitantes por Km².

A maior parte da população do distrito reside ao longo do rio Limpopo e seus afluentes e no Corredor do mesmo nome. Os principais aglomerados populacionais são Chicualacuala, Mapai e Pafúri. Importa salientar que os dois primeiros cresceram com o alastramento da guerra no interior do distrito obrigando as pessoas a procurar refúgio nos locais mais seguros. Estes funcionavam até ao momento em que a guerra atingiu o distrito, como acampamentos dos CFM, e sem atractivos para a população, visto que a maioria da população era constituída por camponeses e criadores de gado.

A população de uma forma geral divide-se em dois grandes grupos étnicos dentro

⁸ Pilião, 1989. p.68.

⁹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 1999. P.8. Pilião, 1989. p.67.



do grupo Tsonga - os Hlengues (Chaiúques) e os Valois. O primeiro grupo estende-se desde Gerez até Chicualacuala prolongando-se até o vizinho Zimbabwe, enquanto de Gerez até Chókwe é ocupado pelos Valois. Na margem direita do rio Limpopo estão os Maluleques separados dos Minga (Mhinga) do lado sul-africano.¹⁰ Os Hlengues ainda conservam o bater das palmas em sinal de saudação e não cultivam a terra às quartas-feiras, tradição que é respeitada por todos quantos para ali se deslocaram, incluindo os desmobilizados de guerra na sua maior naturais de outras regiões.

A seguir a ocupação de Moçambique, o distrito não constituiu zona prioritária de desenvolvimento, no entanto os Planos de Fomento visavam o desenvolvimento económico através de uma presença crescente de colonos e sobretudo com do "Colonato do Limpopo", o distrito conheceria uma presença de colonos que se dedicariam à produção agrícola e, em grande escala, à criação de gado ao longo dos rios Limpopo e Nwanetzi, assim como na produção de madeira. A construção do corredor do Limpopo fazia do distrito referência obrigatório por ser o mais barato corredor para as exportações rodesianas. Analisando o surgimento de alguns aglomerados populacionais e a dimensão económica que hoje detêm pode-se concluir que são autênticas povoações ferroviárias, pois surgiram e desenvolveram-se junto do caminho de ferro que atravessa o distrito.

¹⁰ Sebastião Valoi, Entrevista: Chicualacuala, 18.10.95.

I - ANTECEDENTES

1.1 - As Relações entre Moçambique e a Rodésia 1965-1976

1.1.1 A Nível Económico

Moçambique, por razões naturais, era considerado o pulmão da Rodésia,¹¹ dado ao baixo custo e rapidez com que este país tinha acesso ao mundo nas suas trocas comerciais. A Rodésia é um país do interior cujo comércio externo depende de vias e facilidades concedidas pelos países vizinhos. O Decreto de 7 de Novembro de 1889 do governo português obrigava a Companhia de Moçambique a construir e explorar uma linha férrea, que ligasse a costa a Macequece, na região de Manica, num período de dois anos, mas que só ficou pronta em 1897. No entanto, outros investigadores afirmam que, devido ao crescimento do comércio com o exterior, Cecil John Rhodes, em 1890, aventou a possibilidade do estabelecimento de ligações ferroviárias entre Moçambique e Rodésia através da Beira.¹² Neste período, havia uma convenção que regulava o comércio entre as dois territórios e permitia o acesso livre da Rodésia ao mar através da Beira.¹³ O interesse manifestado por Cecil Rhodes foi concretizado em 1892, com o início da construção da linha férrea Beira- Rodésia que só entrou em funcionamento em 1898. O objectivo principal desta linha era a exportação de matéria-prima, em

¹¹ Samora Machel na sua comunicação à nação sobre as agressões rodésianas e a decisão do Governo de Moçambique em encerrar as fronteiras descreve quão eram importantes os portos moçambicanos para a economia daquele país. Ver Tempo n.º 284, 14 de Março de 1976, p.15.

¹² Mlambo, 1999. P.3.

¹³ Segundo Mlambo, um convenção anglo- portuguesa de 1881, não permitia o acesso independente dos territórios que deram origem a Rodésia à costa de Sofala. Mesmo assim, a seguir a ocupação daquela região por Cecil Rhodes encontramos uma contradição de datas entre os investigadores zimbabwuanos e moçambicanos sobre a iniciativa de construção da linha de caminho de ferro da Beira. Mlambo, 1999. P.3. Contudo o decreto de 1897 do governo português mostra o interesse que tinham pelos territórios do hinterland na sua economia e devido a dificuldades financeiras esta linha férrea foi concedida a capitais privados e só mais tarde o governo português procedeu a sua nacionalização e integração no sistema nacional dos caminhos de ferro.

especial, minerais para a Inglaterra e a importação de produtos manufacturados. O fluxo de mercadorias obrigou a construção da linha do Limpopo, inaugurada em 1955,¹⁴ e tinha como objectivo, aproveitar o crescimento do tráfego da nova Federação Central Africana, constituída pela Rodésia do Sul, Rodésia do Norte (Zâmbia) e Niassalândia (Malawi), um bloco que, segundo os planos britânicos, facultaria um crescimento económico e acumulação rápida de capitais, particularmente para a Rodésia do Sul.¹⁵

As vantagens rodesianas na utilização dos portos moçambicanos são ilustradas pelas tabelas que se seguem. A tabela 1 apresenta-nos as distâncias entre os portos que serviam a Rodésia e a Tabela 2 os custos de transporte e os valores que a Rodésia economizava pela utilização dos portos moçambicanos, a tabela 3 apresenta a quantidade de crude bombeado a partir do porto da Beira.

TABELA 1: Corredores de Transporte Ferroviário da Rodésia, 1974

Rota	Distância	Ano de abertura
Harare - Beira	602 km	1898
Harare - Maputo via Chicualacuala	1 269 km	1955
Harare - Durban via Beit Bridge	2 066 km	1974
Harare - East London via Botswana	2 370 km	1897
Harare - Cape Town via Kimberley	2 657 km	1902

Norman Mlambo, Cape Town: SACDI (s/d)

¹⁴ Mlambo, 1999, p.4.

¹⁵ Hedges, 1993: 163.

Tabela 2: Tarifados transportes ferroviários: custo por tonelada em Z\$

PRODUTOS	MAPUTO via CHICUACUALA	MAPUTO via KOMATPORT	DURBAN via BEIT BRIDGE	PORT ELIZABETH PLUMITREE
Aço	30,6	64,7	86,44	85,120
Açúcar ex. Chiredzi	29,32	44,01		-
Tabaco				
Harare (total p/caixa)	806,00	1196,40	1 366,80	1 876,40
Jet Al	99,15	125,94	151,74	173,47

in: Johnson P., Martin, D., p.39.

Tabela 4 Oleoduto Beira-Feruka (quantidade de óleo cru bombeado)

ANO	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Toneladas.	1616	1643	1698	1753	1863	1972	2055	2138

António Sopa, in XITIMELA Nº 5/6, Jan.Fev.1988

Como se pode deprender das tabelas, a Rodésia era servida por duas das mais importantes linhas dos Caminhos de Ferro de Moçambique, a linha do Limpopo e da Beira, por onde transitava 85% do seu comércio internacional.¹⁶

1.1.2. A Nível Político

A sobrevivência económica da Rodésia dependia, de certa forma, da segurança e operacionalidade das vias ferroviárias que a ligavam aos portos moçambicanos, sendo através delas que a Rodésia não cumpria com as sanções decretadas pela

¹⁶ Egeró, 1992, p.30

ONU, com a conivência do governo colonial português.¹⁷ Quando a FRELIMO abriu a frente de Tete, em 1969, atravessou o rio Zambeze e aproximou-se da estrada que liga Rodésia ao Malawi e da linha férrea Beira- Moatize,¹⁸ as forças rodesianas começaram a intervir militarmente em Moçambique a partir de 1972 em apoio ao exército português.¹⁹ Esta intervenção deveu-se ao papel que o rio Zambeze tinha no sistema de defesa dos regimes brancos da região. Por um lado, a construção da barragem era um factor de grande relevo, porque permitiria o estabelecimento de 1 milhão de colonos portugueses o que constituiria uma barreira à penetração da guerrilha. Por outro lado, permitiria a internacionalização do conflito, por isso os objectivos da FRELIMO, ao abrir a Frente de Tete, eram de impedir ou atrasar a construção da Barragem de Cabora Bassa, quer sabotando a via férrea Beira- Moatize, quer ameaçando-a militarmente..²⁰

O avanço da FRELIMO para o sul através de Tete permitiria a sua penetração em Manica e Sofala, regiões consideradas coração do regime colonial, por serem

¹⁷ A política seguida por Salazar quanto à questão da Rodésia, baseava-se em dois princípios:

- Garantir o direito de acesso ao mar dos países do interior, como Zaire, o Malawi, a Zâmbia e Swazilândia, sem cuidar das diferenças políticas;
- Não tomar posições no conflito anglo-rodesiano, do mesmo modo que não admitia a Londres interferência nas rebeliões contra Portugal em Angola e em Moçambique. Antunes, 1996. p.217.

¹⁸ Em 1972, a Frelimo bloqueou a estrada Zobuê-Tete-Nhamatanda, canal importante das importações de Malawi da Rodésia e África do Sul. Cf Hedges, 1987:16.

¹⁹ Em Dezembro de 1972, guerrilheiros do ZANLA, atacaram uma Quinta de brancos no nordeste da Rodésia. Haviam se infiltrado através de Tete meses antes para mobilizar a população. Este ataque representava o início da luta armada pela independência do Zimbabue que iria durar sete anos. No entanto, de acordo com Antunes, que cita o coronel Ron Reid Daly, a presença de forças rodesianas em Moçambique contra os guerrilheiros do Zimbabue é anterior a este ano. No dia 27 de Dezembro de 1970, uma viatura militar rodesiana foi atingida por uma mina em Moçambique perto de Mucumbura, primeiro sinal de incursões militares nem todos registados. Outro ataque deu-se em 1971 quando o exército e força aérea rodesiana atacaram as bases da Frelimo de Deretere, Dague, Nura e Serra Comboio onde encontraram informações sobre a presença de guerrilheiros zimbabueanos. Cf. Antunes, 1996, p.430-431

²⁰ Borges Coelho, 1989, p.50.

áreas de maior povoamento dos colonos em Moçambique. A progressão da FRELIMO para o sul iria afectar, as vias de comunicação com o hinterland e consequentemente enfraqueceria o exército rodesiano na sua luta contra aos nacionalistas zimbabweanos. Por outro lado a acção da Frelimo alargaria a frente de acção dos nacionalistas zimbabweanos, que lutavam contra o regime de Ian Smith. Foi por isso que, desde a proclamação do UDI (Declaração Unilateral de Independência) em 1965, a Rodésia via a luta de libertação de Moçambique, levada a cabo pela FRELIMO, como um problema nacional.

A acção da FRELIMO despertou, desde cedo, uma preocupação no seio do regime rodesiano, porque constituiu factor aglutinador dos movimentos nacionalistas zimbabweanos, que já tinham enveredado pela luta armada. De entre as várias preocupações, estas são as que mais pesaram na decisão de Ian Smith enviar tropas para Moçambique em defesa do regime colonial português.²¹

Apesar do regime rodesiano estar a apoiar militarmente o governo colonial as suas preocupações aumentaram face à deterioração da segurança em Moçambique. É neste contexto que Ken Flower, o então director da CIO (Central Intelligence Organisation), contactou as autoridades máximas portuguesas em Lisboa, na pessoa de Marcelo Caetano, a quem apresentou as preocupações do regime de Ian Smith.²² No encontro seguinte realizado em 1972, Ken Flower, propôs aos

²¹ Samora Machel no seu discurso de 3.3.76 em que anuncia o encerramento das fronteiras com a Rodésia do Sul, situa a primeira fase da participação de tropas rodesianas em Moçambique no combate à FRELIMO ao ano de 1965 com o envio de tropas para o Niassa. Mas a documentação consultada indica o ano de 1972, o mesmo ano em que a ZANLA reinicia a luta armada servindo-se de Tete como Retaguarda. cf Borges Coelho, 1989. P.50; Ver Biografia de Josiah Tongogara, in Guia do Terceiro Mundo, 1981, p.401.

²² Tajú, 1988. p.10.

dirigentes coloniais portugueses a criação de um "movimento de resistência negro" oposto à FRELIMO para camuflar a verdadeira essência dos regimes que predominavam na África Austral ao apresentarem face negra.²³ Até aqui, Portugal considerava a lógica militar como única alternativa para vencer a FRELIMO e acabar com a guerra. Na prossecução dessa política, Kaulza de Arriaga empreende uma grande operação denominada "Nó-Górdio"²⁴, servindo-se de meios militares modernos, com um exército superior a 50 000 homens, que foi mesmo assim, desbaratado pela FRELIMO. Com o fracasso da operação "Nó-Górdio", Kaulza de Arriaga e Jorge Jardim, criam os Grupos Especiais (GE's)²⁵, constituídos por "voluntários" negros e mestiços seleccionados em função das suas "aptidões" e "espírito militar".²⁶ As suas unidades eram comandadas por oficiais brancos naturais de Moçambique ou aqui residentes há bastante tempo e com tendência a serem substituídos por oficiais africanos. A formação destas forças tinha em vista na óptica do seu mentor, minorar o problema do recrutamento de efectivos, comprometer as populações contra a FRELIMO e aumentar a eficácia no terreno no combate à FRELIMO. Segundo José Freire Antunes, os GE's e GEP's era recrutados numa zona étnica específica e após a instrução militar voltavam para essa zona e faziam um trabalho de patrulha e operação militar. Os GE's eram uma tropa especial de recrutamento provincial, tinham uma formação

²³ Tajú, 1988. p.10.

²⁴ A operação Nó-Górdio foi classificada nesse período como a operação militar mais cara realizada na África subsahariana pelos meios materiais nele envolvidos: boa parte dos 43 000 militares expedicionários, tropas de engenharia e comandos hélio-transportadas, pessoal da PIDE e ajuda da R.S.A. Antunes, 1996. P.355.

²⁵ Havia dois tipos de GE's: os GE's (Grupo Especial) e GEP's (Grupo Especial de Pára-quedistas).

²⁶ Tajú, 1990. p.30.

parecida com a dos pára-quedistas e dos Comandos. Estas forças de tinham certa autonomia e podiam intervir em todo o território e dependiam do comandante-chefe.²⁷

Os GE's e GEP's foram criados no quadro de novas estratégias de combate à FRELIMO como, a africanização do exército regular e o estabelecimento de forças especiais, o crescimento da presença populações colonas no vale do Zambeze e uma nova formulação de aldeamentos.

Para a formação dos GE's e GEP's, foi instalado o campo de treino em Dondo, perto da casa de Jorge Jardim, com equipamento militar cedido pela Rodésia,²⁸ o que revela de facto que aquele país estava sobremaneira preocupado com a deterioração da segurança em Moçambique.

A FRELIMO ao atravessar o rio Zambeze quebrou a linha de defesa dos regimes brancos da África Austral o que precipitou a criação das bases de constituição do "movimento de resistência negro" ideia já avançada em 1972 durante a segunda visita de Ken Flower a Portugal. No encontro realizado em Lourenço Marques em Março de 1974 entre Ken Flower e os dirigentes da PIDE-DGS, foi ultimado o processo para a constituição do tal movimento, que no entanto foi frustrado com o 25 de Abril de 1974, em Portugal, que pôs fim ao fascismo e abriu as portas à independência das colónias portuguesas. Estavam presentes no encontro o Major Silva Pais (Inspector da PIDE-DGS em Moçambique), São Jorge Lopes (Inspector

²⁷ Antunes, 1996. p.357.

²⁸ Tajú, 1988. p.7.

da PIDE-DGS em Angola) e Ken Flower (Director da CIO Rodésiana). Observando o nível dos participantes no evento, conclui-se de facto que o tal movimento ia ser criado ao nível dos serviços da polícia secreta dos dois países.

Portanto, quando Ken Flower visitou Portugal em 1972 pela segunda vez, ia oferecer-se para criar uma organização similar dos Flechas, existentes em Angola porque segundo o Coronel Ron Reid Daly (fundador dos Soul Scouts rodésianos) citado por Antunes, os soldados da organização criada por São José Lopes e amparada por Costa Gomes eram os melhores soldados indígenas que conheceu durante o tempo em que esteve de serviço em África.²⁹ O ano de 1972 foi extrema importância política na defesa dos interesses dos regimes brancos da região austral. Nesse ano foi assinado o Acordo Militar "Alcora" com fins logísticos para fazer face ao inimigo comum pondo de lado as divergências políticas quanto à solução de problemas internos de cada país.³⁰ Este acordo foi assinado em função da deterioração militar em Moçambique e das conversações tripartidas entre Portugal, África do Sul e Rodésia foi combinada uma estratégia comum de defesa, a "Joint Defence of Zambezi River Line".³¹

Enquanto ao nível dos serviços secretos da Rodésia e Portugal preparavam um movimento anti - subversivo, Jorge Jardim jogava uma cartada política, elaborando um programa para o futuro de Moçambique, o "Programa de Lusaka".

Gulamo Tajú sintetiza da seguinte maneira o projecto de Jorge Jardim:

²⁹ Antunes, 1996. p.431.

³⁰ Tajú, 1988. P.10.

³¹ Antunes, 1996. p.433.

"O Programa de Lusaka - um projecto para uma eventual independência de Moçambique integrada numa comunidade lusíada. Programa que se preocupava mais com os direitos dos portugueses no futuro Moçambique independente e que procurava sustentar-se e sustentar uma base social baseada no conceito de Frente Interna - grupo representando interesses do capital colonial e de sectores da população moçambicana que constituíam uma elite social e politicamente oposta à FRELIMO. Contudo sem uma identificação nos moldes de um partido pois a maioria dos seus componentes moçambicanos estavam ligados a Jardim por laços de parentela baseados em apadrinhamentos e outros compromissos".³²

Este projecto é conhecido por Programa de Lusaka porque, em 1973, Jorge Jardim contacta o Presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia, para lhe apresentar o seu projecto sobre o futuro de Moçambique. A escolha deveu-se as boas relações que Kenneth Kaunda tinha com Julius Nyerere e a FRELIMO. O projecto de Jardim, previa uma independência negociada e multipartida que seria encabeçada por capitalistas portugueses com interesses em Moçambique e, assegurada pelas unidades negras do exército colonial sob a sua tutela.³³ Jorge Jardim entendia que, sem o apoio dos países africanos, o seu projecto não teria futuro.

Moçambique ficou independente e o que se seguiu a partir de 1975, foi a continuação da política de agressão contra o povo moçambicano que o regime

³² Tajú, 1990, p.29

³³ Hedges, 1987, p.17; Egeró, p.71; Tajú, 1990, p.7.

rodesiano vinha tomando durante o período da luta de libertação nacional, servindo-se de antigos membros desses movimentos que iam sendo constituídos quer ao nível das forças armadas, quer ao nível da PIDE-DGS/CIO

1.1.3 A Independência de Moçambique e os Movimentos de Libertação do Zimbabwe 1974-1976

Os anos de 1974/5 foram de extrema importância na história da descolonização por terem marcado a queda do último império colonial em África e a derrota das tropas americanas no Vietname.³⁴ A queda do regime colonial português e a consequente proclamação de independências em, Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S.Tomé e Príncipe, provocou um impacto político nos movimentos de libertação e, sobretudo da África Austral, assim como nas acções da OUA, ONU e noutros fóruns internacionais.³⁵ As independências de Moçambique e de Angola contribuíram para a mudança na correlação de forças na região austral de África. Neste período, a política da África do Sul em relação aos países vizinhos era de contenção, conhecida por "detente". Esta política, seguida por John Vorster, primeiro ministro sul-africano, tinha razão de ser, na medida em que até 1974, a África do Sul, estava protegida por uma série de "estados tampão" que serviam de barreira a influência soviética no seio dos sul-africanos. Mesmo assim, a África do Sul tinha aprovado uma lei de defesa que a

³⁴ Uma das rivalidades do pós-guerra foi a força do movimento das autonomias que atingiu a maturidade com o colapso dos impérios europeus na Ásia durante a 2ª Guerra Mundial e os países colonizadores. O movimento das autonomias que começa pela Ásia e mundo Árabe, atingiu em pleno a África Sub-sahariana a partir de 1957, num movimento que se inicia pela independência do Ghana e tem o ponto mais alto em 1960. Portugal sentiu em cheio o movimento das autonomias desde o começo: na primeira fase em Goa e Timor e na segunda em África. Ver Telo, 1996, pp. 133-156.

³⁵ Na década de 70 a ONU reconheceu aos movimentos de libertação a qualidade jurídica de representantes legítimos do povo e atribuiu-lhes o estatuto de observadores no seio da organização. Vieira, 1988, p.11.

definia como a "África do Sul ao sul do Sahara" e que através dela podia intervir em qualquer Estado.³⁶ Quando Moçambique ascendeu a independência, o governo sul-africano, face ao novo desenvolvimento político na região, contactou a liderança da FRELIMO, dentro da sua política de "detente", para encontrar uma plataforma de entendimento e, um espaço político de actuação.³⁷ Estes contactos resultaram num acordo de princípios, nomeadamente:

1. *"Não interferência da África do Sul em Moçambique;*
2. *Retirada das forças militares sul-africanas da Rodésia até Março de 1975;*
3. *Acção de Pretória junto do regime rodesiano para a libertação incondicional dos presos políticos incluindo Joshua Nkomo, Ndambaninge Sithole e Robert Mugabe".³⁸*

Enquanto isso, a vitória da FRELIMO sobre o regime colonial português e sobre todas as forças que tentavam disputar o poder em Moçambique, permitiu a continuidade do apoio/solidariedade que vinha concedendo aos movimentos de libertação do Zimbabwe durante o período da luta de libertação nacional.

Até 1976 e um pouco depois, os movimentos nacionalistas do Zimbabwe, não conseguiram unir-se e formar uma frente comum contra o regime de Ian Smith.

³⁶ Um comentário feito pelo antigo Presidente da Tanzânia, Julius Nyerere no encontro e Chefes de Estado da Tanzânia, Zâmbia, Botswana, e Moçambique, definia a tal lei nestes termos: " *Com a tal lei, a África do Sul estabeleceu um império. Por essa lei, o meu país agora é uma colónia sul-africana, assim como Moçambique, Zâmbia e Botswana porque eles inventaram a lei pela qual podem legalmente mandar tropas para a Tanzânia, Moçambique e Botswana para defender a África do Sul*". Ver Tempo nº 280, 15 de Fevereiro, 1976.

³⁷ O regime sul-africano foi apanhado de surpresa pelo 25 de Abril em Portugal e pela forma como o processo de descolonização de Angola e Moçambique se processou. Assim pretendia ganhar tempo para preparar uma estratégia de actuação perante o novo regime revolucionário instalado em Moçambique.

Os dirigentes nacionalistas tentavam, cada um pelo seu lado, tirar proveito da situação, estabelecendo contactos com o regime rodesiano.

Com a expulsão da ZANU³⁹, O ANC (Congresso/Conselho Nacional Africano) do Bispo Abel Muzorewa tentava dentro das suas divisões internas, estabelecer um acordo de entendimento com o regime rodesiano para que a maioria negra pudesse compartilhar o poder.

Em Janeiro de 1976, Joshua Nkomo, membro do ANC, sem o consentimento dos seus companheiros do partido, participou numa sessão plenária com o regime de Ian Smith na esperança de conseguir um acordo para o estabelecimento de um governo de maioria.⁴⁰

A luta de libertação de Moçambique levada a cabo pela FRELIMO e a consequente abertura da frente de Tete, impulsionou os nacionalistas zimbabwuanos a tomarem consciência de que o caminho que restava para a libertação do país era a luta armada.

Em 1972, quando a FRELIMO, atravessou o rio Zambeze, e abriu a frente de Tete, o regime rodesiano sentiu a guerra aproximar-se da sua fronteira. Na tentativa de eliminar a acção da FRELIMO naquela região, o regime de Ian Smith

³⁸ Vieira, 1988. p.30.

³⁹ Desde 1940 desenvolveu-se no território uma oposição nacionalista africana, encarnada em diversos partidos que foram sucessivamente proibidos: em 1954, o Partido do Congresso da Rodésia do Sul; em 1961, o Partido Democrático Nacional; em 1962, o Zimbabwe African People's Union (ZAPU). Em 1963 dissolveu-se a Federação da Rodésia e Niassalândia e aumentou a oposição negra, representada pelo ZAPU e ZANU (Zimbabwe African National Union), ao governo de Ian Smith. Cf, Dicionário Enciclopédico ALFA, 1992, p.1269.

⁴⁰ O Jornal Notícias de 17.01.76, noticiava o recomeço das conversações constitucionais rodesianas entre o regime de Ian Smith e a facção nacionalista do ANC, liderada por Joshua Nkomo. A estas conversações opunha-se o líder da outra facção do ANC, o Bispo Abel Muzorewa, o qual entendia que deles resultaria menos do que um imediato governo da maioria.

enviou o seu exército em apoio aos soldados portugueses. Em contrapartida, a FRELIMO oferece à ZAPU a possibilidade de utilizar a vasta fronteira entre Moçambique e a Rodésia para desencadear a luta de libertação nacional.⁴¹ Além disso, esta oferta, tinha como objectivo, reduzir a capacidade rodesiana de actuar no interior de Moçambique. De acordo com Vieira, a utilização da fronteira de Tete para acções armadas na Rodésia foi apresentada ao movimento liderado por Joshua Nkomo, a ZAPU, mas que não se mostrou interessado dado a sua implantação na Zâmbia. No entanto a ZANU, um outro movimento, talvez de menor expressão solicitou a utilização de Tete como retaguarda das suas acções militares. A FRELIMO face ao interesse manifestado pela ZANU decidiu apoiá-la em treino e transporte de material, fazendo de Tete uma base para a libertação do Zimbabwe e nesse mesmo ano inicia-se a guerra de libertação do Zimbabwe

Nos momentos que se seguiram à independência de Moçambique, podemos identificar dois grupos de nacionalistas zimbabwuanos: os que optavam pela via negocial com o regime de Ian Smith e os que advogavam a luta armada. O primeiro grupo era constituído por Abel Muzorewa, Ntambaninge Sithole, Chikerema, enquanto o segundo era o de guerrilheiros da ZANLA, liderados por Robert Mugabe, estabelecidos em Moçambique. Estes representavam o braço armado e tinham uma ligação frágil com o primeiro grupo.

Durante o ano de 1975, Julius Nyerere, Presidente da Tanzania, reuniu por duas vezes, uma em Fevereiro e outra em Abril, com os dirigentes nacionalistas na

⁴¹ Vieira, 1988. p.30.

perspectiva de persuadir os quatro a irem para os acampamentos de instrução e tomarem efectivamente o comando do exército que eles alegavam dirigir e comandar.⁴²

O movimento dos que viam a luta armada como único meio de conduzir o país à liberdade ia engrossando as suas fileiras. Em Março de 1976, o presidente tanzaniano, durante a cimeira de chefes de estado, realizada em Quelimane, confirmou com toda a segurança que havia em Moçambique 16.000 guerrilheiros estabelecidos em acampamentos e que estavam a criar uma direcção unificada.⁴³

Portanto, os anos de 1975/76 se caracterizaram por uma movimentação política dos líderes dos movimentos de libertação do Zimbabwe, assim como dos chefes de Estado dos países da região para definição do caminho a seguir e à metodologia para a libertação do Zimbabwe, face às mudanças Geo - estratégicas na região. Foi neste período que a comunidade internacional, sobretudo os países membros da OUA, considerava o ANC, do Bispo Abel Muzorewa, como a única força capaz de conduzir o processo de libertação.

Foi também neste período que os nacionalistas zimbabwuanos intensificaram os seus contactos com a FRELIMO para esta desempenhar um papel importante na luta contra o regime de Ian Smith.

Com a nova situação geo- política, e com o objectivo de dar mais alento ao processo libertador na África Austral, realizou-se em Maputo, em 1976, a 26ª

⁴² Tempo nº 285, 21.03.76.

⁴³ Tempo nº 285, 21.03.76.

Sessão do Comité de Libertação da OUA, que também pretendia analisar a nova correlação de forças na zona, sobretudo a situação zimbabweana.

A sessão produziu uma resolução que exortava Moçambique e outros estados africanos, sobretudo os fronteiriços com a Rodésia, a assumirem um papel preponderante no processo de libertação do Zimbabwe. Este aspecto está subjacente num dos pontos da resolução, que onde exorta o ANC a intensificar a luta armada de libertação nacional e a instauração de um governo de maioria.

A resolução adoptada durante a 26^a Sessão do Comité de Libertação da OUA dizia:

- *"... considerando que o regime fascista e ilegal está a aumentar as suas provocações e ameaças contra países vizinhos e soberanos de África, particularmente a República Popular de Moçambique e Botswana, com o objectivo de internacionalizar o conflito, reafirma:*
- *Reconhecimento da OUA ao ANC, como único e legítimo representante do povo do Zimbabwe;*
- *Apela ao ANC para intensificar a luta armada de libertação nacional e a instauração de um governo de maioria;*
- *Exorta a todos os membros da OUA para concederem toda a ajuda moral, política, diplomática e material à causa de libertação nacional do povo do Zimbabwe, contra o regime ilegal e racista;*
- *Apela aos chefes de Estado do Botswana, Moçambique, Tanzania e*

Zâmbia, a continuar os seus esforços visando assegurar a unidade do povo do Zimbabwe e sua organização: o ANC.⁴⁴

Para pôr em prática esta exortação era necessário uma retaguarda que pudesse fornecer o mínimo dos meios materiais para que a luta tivesse sucesso.

Como que a materializar esta e outras resoluções da OUA e da ONU, a FRELIMO declaram o seu apoio incondicional à luta de libertação daquele país,⁴⁵ e, como primeira medida, cria o "Banco de Solidariedade" para com o povo do Zimbabwe, para onde seriam canalizados todos os apoios necessários vindos de todos os quadrantes da vida social, política e económica de Moçambique. A 3 de Março de 1976, Moçambique encerra as suas fronteiras com a Rodésia do Sul, em cumprimento das sanções decretadas pela ONU ao regime rodesiano.

Portanto a intervenção armada rodesiana em Moçambique teve o seu início em 1972 em retaliação ao apoio que a FRELIMO concedia aos guerrilheiros zimbabweanos das ZANLA e em apoio a linha de defesa comum preconizada no pacto "Alcora". No entanto, a continuidade do apoio da FRELIMO a seguir a independência de Moçambique provocou acções contínuas de agressão por parte das tropas rodesianas que só terminariam com a independência daquele país.

⁴⁴ Tempo, ° 278, p.58.

⁴⁵ A Grã-Bretanha potência colonizadora, através do Ministro dos Negócios Estrangeiros declara que não apoiaria o regime de Smith caso deflagrasse um conflito armado no país. Esta posição encorajava mais a posição assumida pela Frelimo face a luta daquele povo. Tempo, 282, Maputo, 29 de Fev., 1976, p10.

II. A GUERRA RODESIANA E O DISTRITO DE CHICUALACUALA 1975-1980

2.1 As Causas da Guerra

A luta de libertação, desencadeada pela FRELIMO em 1964 contra o colonialismo português, terminou em 7 de Setembro de 1974 com a assinatura dos Acordos de Lusaka.

A luta de libertação de Moçambique tornou-se possível com o apoio concedido pela Tanzânia, aceitando servir de retaguarda aos nacionalistas moçambicanos, durante a luta de libertação, assim como a concessão do apoio militar e material à FRELIMO. Esta pode ser a razão do porque é que a guerra de libertação foi desencadeada a partir do norte do país, em Mueda - Cabo Delgado, 25 de Setembro de 1964. Quando a 25 de Abril se pôs fim ao regime fascista em Portugal, a luta de libertação em Moçambique estava no seu décimo ano e a guerra desencadeada desenvolvia-se nas províncias do Norte e Centro do país.

Proclamada a Independência Nacional o país sofreu uma agressão, perpetrada por forças rodesianas, com o pretexto de destruir as bases militares dos guerrilheiros dos ZANLA. Esta nova guerra, afectou as províncias fronteiriças com a Rodésia e o distrito de Chicualacuala, objecto deste trabalho, foi das primeiras regiões a serem atingidas, pela aviação rodesiana (mapa 2).

O Acordo de Lusaka assinado entre a FRELIMO e o governo português

⁴⁶ Cf. Paulo Oliveira, Entrevista: CEA, 23.3.1988

⁴⁷ Gersony, 1988. p.10.

préconizava que a Independência de Moçambique seria proclamada a 25 de Junho de 1975, após um processo de transmissão de poderes. Foi ao longo desse processo que os primeiros actos de violência praticados por soldados rodesianos e sul-africanos atingiram Chicualacuala.⁴⁸

A euforia generalizada pela liberdade alcançada não permitiu a todos moçambicanos uma percepção rápida da ameaça que o regime rodesiano representava até que no limiar de 1976, a violação da fronteira moçambicana pela aviação daquele país se intensificou atacando alvos civis e militares. O principal motivo tinha a ver com a presença dos movimentos de libertação do Zimbabwe em Moçambique onde passaram a ter uma retaguarda segura e condições favoráveis para intensificarem a luta no interior do país.

As zonas de penetração dos guerrilheiros zimbabwuanos na a Rodésia deixaram de se limitar às províncias de Tete e Manica, passando para toda a fronteira do norte a sul numa extensão de 839 km, o governo moçambicano, prevendo esta possibilidade de ataques rodesianos, foi organizando a defesa ao longo da fronteira, enviando para os sectores mais sensíveis os seus guerrilheiros.⁴⁹

Como afirmou Salim Ahmed Salim, na altura Presidente do Comité de Descolonização da ONU, "Moçambique ocupa hoje um lugar de extrema importância e de grande significado estratégico na derradeira luta travada na

⁴⁸ Paulo Chembene, antigo combatente, primeiro comandante dos guerrilheiros das FPLM enviados para Chicualacuala. Entrevista, Chicualacuala: 20.10.95.

⁴⁹ Paulino Macaringue, Entrevista, Maputo: 28.05.99.

África Austral⁵⁰, contra o Apartheid e pela independência do Zimbabwe. O governo de Moçambique, ciente dessa responsabilidade, anunciou o seu apoio total à causa de libertação daquele país e a Rodésia via neste período, que o fortalecimento das já antigas ligações entre a FRELIMO e a ZANLA, se tornaram mais perigosas para o regime de Ian Smith. É na base desta visão que a aviação rodesiana sobrevoava as prováveis antigas bases da FRELIMO em Tete, que albergavam guerrilheiros zimbabweanos, na tentativa de neutralizá-los. Deste modo, em Fevereiro de 1976, a aviação rodesiana sobrevoou intensamente as zonas de Mucumbura, Luia, Chioco e Changara, na provincia de Tete (mapa 3),⁵¹ regiões onde as forças rodesianas tinham experiência de actuação durante a guerra de libertação de Moçambique. Contudo, tudo indica que ao longo da fronteira comum os incidentes eram anteriores a esta fase (desde o período de transição). Enquanto isso, forças rodesianas, auxiliadas por antigos elementos da PIDE-DGS e elementos anti-FRELIMO, organizavam um movimento militar, o MNR (Movimento Nacional de Resistência), formado por moçambicanos, para destruir infra-estruturas económicas e servir de apoio às forças rodesianas no combate contra o ZANLA.⁵²

No distrito de Chicualacuala, o primeiro incidente ocorreu, em Dezembro de 1974, na região de Pafúri, quando uma patrulha acabada de chegar, integrada nas tropas

⁵⁰Notícias, 30.4.76.

⁵¹ Cf. Comunicado do Presidente Samora Machel à nação sobre o encerramento das fronteiras com a Rodésia. Tempo nº 280. p.56.

⁵² Newitt, 1995. p.563.

mistas Portugal-FRELIMO, foi atacada.⁵³ Confundidos ou deliberadamente, eram alvejados soldados das FPLM que ao longo da fronteira velavam pela integridade territorial. Estes incidentes (cerca de 130 até 1974/6), devido ao período em que ocorreram, não foram reportados apenas classificados como meros incidentes no manejo de granadas ou de limpeza de armas.⁵⁴ Por um lado, este mutismo encontrava a sua razão de ser, nas divergências existentes entre os líderes nacionalistas zimbabwuanos quanto ao caminho a seguir. Uns advogavam conversações com o regime de Ian Smith outros a luta armada. Por outro lado, era uma fase de consertação de posições entre os governos que apoiavam a libertação deste país. Outro factor tem a ver com aspectos técnico-tácticos porque a abertura de novas frentes pelo ZANLA, pressupunha incidentes fronteiriços no momento em que o Governo da FRELIMO ainda precisava de tempo para reorganizar as suas forças armadas, e deste modo tinha que evitar um conflito directo com o inimigo.

Desde a assinatura dos Acordos de Lusaka até a declaração do encerramento da fronteira entre Moçambique e a Rodésia do Sul, esteve em incubação um conflito generalizado que iria afectar toda a sociedade moçambicana até 1992, ano da assinatura dos Acordos de Roma.

Até Março de 1976 o governo da República Popular de Moçambique não se pronunciou sobre esta matéria. Manteve um mutismo face às provocações rodesianas, até que sem se referir a casos específicos, o Presidente Samora

⁵³ Paulo Chambene, Entrevista, Chicualacuala: 20.10.95..

⁵⁴ Paulo Chambene, Entrevista, Chicualacuala: 20.10.95.

Machel, no seu discurso em Maputo, na 26ª Sessão do Comité de Libertação da OUA, afirmou que Ian Smith, ao atacar os países vizinhos, tinha por objectivo desviar a atenção da comunidade internacional sobre as causas do conflito na Rodésia e tentava generalizá-lo.⁵⁵

Além dos ataques directos a Moçambique o regime rodesiano iniciou a transferência das populações que viviam ao longo da fronteira com Moçambique para o interior na esperança de evitar o contacto entre os moçambicanos que viviam dos dois lados da fronteira, assim como entre zimbabwuanos/rodesianos e moçambicanos. O regime rodesiano também intensificou a construção de aldeamentos, os "*strategic villages*", tática implementada em Moçambique pelo regime colonial.⁵⁶ O controle da população é uma questão vital numa guerra subversiva e, para ser bem sucedido, o governo tem que ter a população do seu lado.⁵⁷ Outro aspecto que se pode referir dos ataques rodesianos ao longo da fronteira, que tinham em vista, afastar a população do lado moçambicano, criar uma zona tampão de segurança e, a nível psicológico, provocar nas populações uma sensação de medo, o que, evitaria contactos com guerrilheiros do Zimbábwe. Por exemplo, a seguir ao ataque de 24 de Fevereiro de 1976, em Pafúri, mais de metade da população daquela localidade refugiou-se em Mapai, que dista 50 Km para o interior. Um jornalista que visitou Mapai neste período afirmava: "*Esta situação é desoladora, embora facilite a actuação do destacamento das FPLM em*

⁵⁵ Notícias, 20.01.76.

⁵⁶ Cf. Vines, 1991, p.63. José. A., Meneses, P. 1991, p.383.

⁵⁷ Borges Coelho, 1984, p.41.; Tempo nº 282, 29.02.76.

conjugação com as autoridades do posto alfandegário local.⁵⁸

Ao longo dos 18 meses (Setembro de 1974, a Fevereiro de 1976), o Governo de Moçambique concentrava as suas atenções na organização interna e nas formas de apoiar o povo do Zimbabwe, na luta contra o regime de Ian Smith. No entanto, o que quebrou as precárias relações entre Moçambique e Rodésia, foram os ataques do dia 23 e 24 de Fevereiro de 1976, contra as localidades de Pafúri e Mavue, distrito de Chicualacuala, Província de Gaza. Sobre os ataques o Presidente Samora Machel na sua comunicação à nação, a 3 de Março de 1976, anunciava:

*"Depois de uma longa série de provocações armadas contra a RPM, na noite de 23 para 24 de Fevereiro, as forças do regime racista de Ian Smith desencadearam um ataque em larga escala contra o território nacional, concentrado contra as povoações de Pafúri e Mavue. O ataque iniciou-se as 21 horas do dia 23 e prolongou-se pelo dia 24. No dia 24, tiveram lugar bombardeamentos aéreos. Participaram no ataque aviões a jacto, bombardeiros, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria"...*⁵⁹

A partir desta declaração, a guerra intensificou-se cada vez mais e com maior agressividade. Podemos buscar as causas na mesma declaração:

⁵⁸ Notícias, 6.03.76.

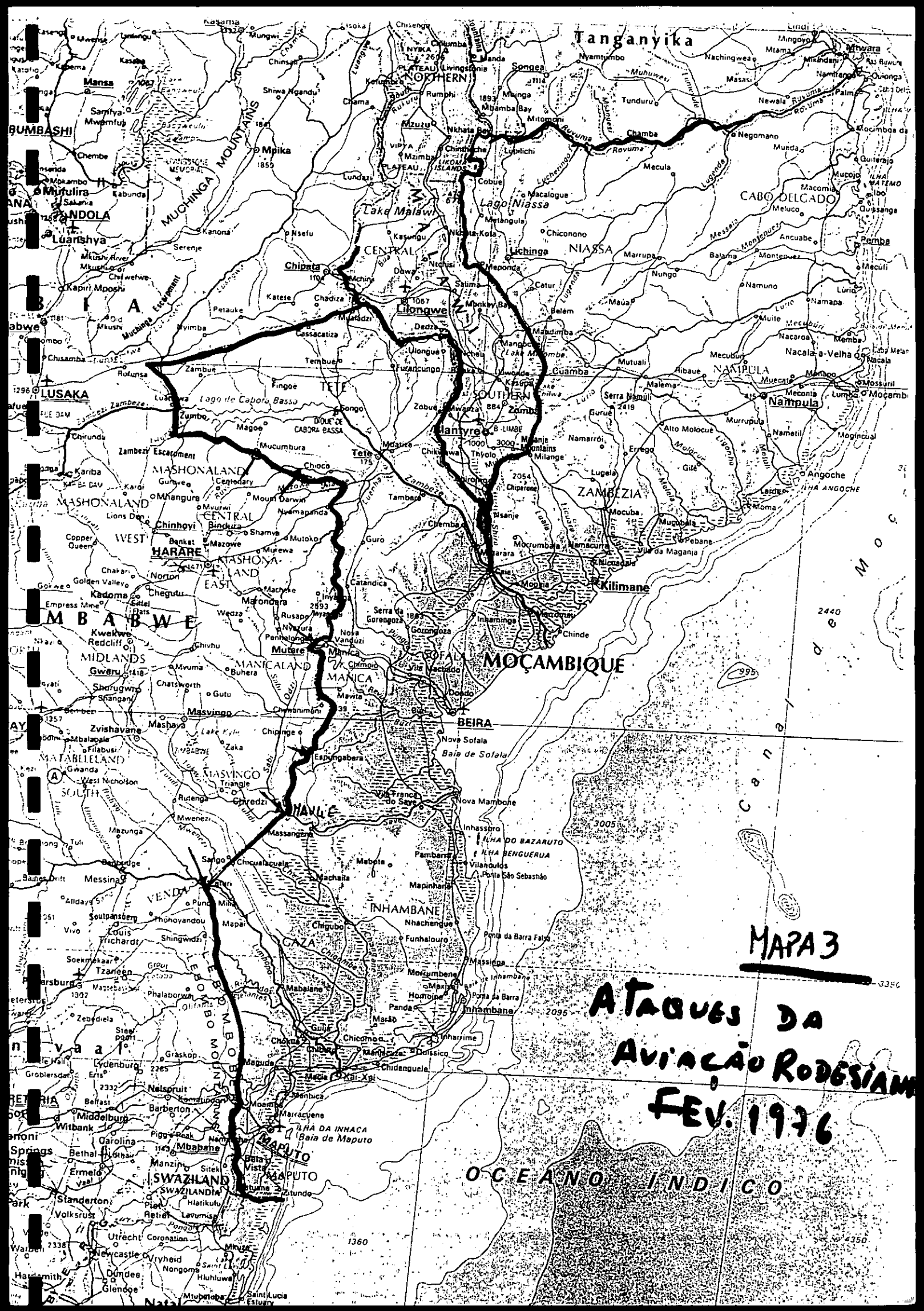
⁵⁹ Tempo Nº 283, 7.03.76

"Quando um movimento nacionalista leva a cabo uma luta nacional contra um regime minoritário e ilegalmente instituído como é o caso de Ian Smith e este agride sistematicamente o país que apoia materialmente e moralmente essa luta, esta agressão substitui plenamente uma declaração de guerra formal.

...Foi portanto na condição de país soberano e independente que a RPM decidiu interpretar essa agressão crescente dentro de um contexto de declaração de guerra na qual não são possíveis quaisquer vias de actuação que não sejam um apoio igualmente crescente ao ANC e uma resposta militar na linha de defesa do seu território. (sublinhado meu).⁶⁰

Várias foram as manifestações de solidariedade para com a posição tomada por Moçambique, ao aplicar integralmente as sanções decretadas pela ONU contra a Rodésia. São de destacar as mensagens dos comités de descolonização da OUA e ONU. A Grã-Bretanha, potência colonizadora da Rodésia, também se solidarizou com o encerramento das fronteiras entre Moçambique e a Rodésia e, para minimizar os efeitos daí resultantes, disponibilizou 15 milhões de libras de apoio a Moçambique. Henry Kissinger no seu périplo pela África também manifestou apreço pela posição dos países africanos face aos regimes racistas da África

⁶⁰ Tempo n.º 284, 14.03.76.



MAPA 3

**ATAQUES DA
AVIAÇÃO RODÉSIA
FEV. 1976**

OCEANO INDICO

Austral.⁶¹

A partir de 3. de Março de 1976 estava declarada a guerra e os ataques rodesianos contra alvos moçambicanos foram mais abertos e regulares, utilizando militares com experiência de guerra em Moçambique.⁶² Até esta fase, segundo Paulo Chembene, as forças rodesianas perpetraram cerca de 130 as violações de fronteira que resultaram na morte de 15 soldados das FPLM. As mais violentas foram realizadas em 24 e 25 de Fevereiro de 1976, contra Mavue e Mapai, por aviões, helicópteros, e infantaria. O recurso a aviação pelo regime rodesiano deve-se a sua capacidade de alcance dos objectivos a atingir, a economia do tempo, as facilidades na escolha dos alvos a atacar e o seu impacto.

O segundo ataque de grande envergadura foi contra a região de Mapai-Ngala. Este ataque feito no dia 26 de Junho de 1976 durou todo o dia, e concentrou-se contra as instalações da transportadora Ngala.⁶³ Não deixaram nada em funcionamento, os autocarros novos ali encontrados foram destruídos e outros levados para a Rodésia. Os residentes de Mapai-Estação acompanharam os acontecimentos sem nada suspeitarem como atesta um entrevistado: *"...estávamos a comemorar o primeiro aniversário do país. Pelas 2 horas de madrugada passaram carros blindados em direcção a Mapai Ngala. Não suspeitamos o que iria acontecer, comemos e divertimo-nos pela festa. De manhã, pelas 7 horas, vimos um avião (desconfiamos que o avião fosse de Pais Mamede) a sobrevoar e fazer*

⁶¹ Notícias, 3.4.76; 23.4.76.

⁶² Notícias, 24.02.76.

⁶³ Os transportes Ngala além de servir o distrito tinha carreiras regulares para Chipungabera, Machaze, Província de Manica.

patrulha enquanto os militares que tinham chegado pelas 4 horas em Mapai-Ngala estavam a disparar contra tudo e todas. Terminada a operação pelas 16 horas passaram de novo por aqui (Mapai-Estação) acompanhados por 2 autocarros, apesar da concentração de pessoas a espera do comboio não dispararam.⁶⁴ No ataque seguinte contra Mapai-Ngala, ocorrido em 1977, que teve a duração de uma semana, os militares rodesianos destruíram tudo, deixaram pedra sobre pedra. Neste ataque tal como aconteceu no anterior, os autocarros que escaparam estavam em serviço fora da empresa e para sua protecção contra as acções destruidoras dos rodesianos, foram transferidos para Chigubo e Massangena. Terminada a guerra a empresa só tinha um tractor, um camião e dois autocarros. Devido a estes ataques a população de Mapai Ngala refugiou-se em Mapai-Estação.⁶⁵ As acções contra os alvos económicos revelaram a colaboração dos antigos proprietários e militares rodesianos para a sua destruição. Os ataques rodesianos não só visavam infra-estruturas económicas mas também sociais. Num desses ataques dinamitaram o sistema de bombagem de água para a sede distrital deixando-a inoperacional até aos nossos dias.

O regime rodesiano foi perpetrando uma onda de massacres no país como o ocorrido em Nyazónia - Tete em 9 de Agosto de 1976 e o de Mapai em 31 de Outubro do mesmo ano. De acordo com informações dos sobreviventes do massacre de Mapai, pelas 16 horas desse dia foram observados veículos militares no cruzamento da estrada que liga Machaila, Mapai e Mapai-Ngala e vinham pela

⁶⁴ José Pascoal Chipphongo, Entrevista, Mapai, 22.10.95.

⁶⁵ Macote Salomão Mahumanzene, Entrevista, Chicualacuala: 17.10.95.

estrada de Machaila. Chegados no cruzamento desviaram em direcção a Mapai-Estação sem que a população suspeitasse que algo de mal ia acontecer. Além das pessoas que estavam concentradas na estação, sobretudo mineiros, havia outras que acompanhavam o casamento de Feliciano L. Chichongue e Julieta E. Zivane. Chegados ali a primeira acção dos rodesianos foi matar duas pessoas. Dado o primeiro sinal, os blindados entraram em acção, descarregaram a sua fúria contra as pessoas que esperavam o comboio e os que acompanhavam o casamento. O ataque prolongou-se até as 4 horas de madrugada. Quando foram embora levaram um camião da serração do Alves, um Jeep Willys e deixaram atrás 113 mortos, entre militares das FPLM e população, que foram sepultados na vala comum ao lado do armazém ali existente.⁶⁶ Este foi o maior massacre perpetrado por militares rodesianos no distrito.

Nas suas incursões, o exército rodesiano utilizava antigos militares portugueses ou das forças para militares, por exemplo, no ataque a Mapai realizado por um comando, constituído na sua maioria por negros que falavam chixona incluía moçambicanos que falavam chironga, chichope, para além de portugueses, possivelmente ex-comandos, como atesta o facto de o mercenário que estava na casa do capataz de via, ter ido a cozinha comer e depois disso atirado uma granada. Os comandos chamavam a granada de "sobremesa", porque uma granada de certo modo faz lembrar um ananás e era seu hábito em Moçambique depois de comerem divertirem-se a atirar granadas.⁶⁷ Ataques através de tanques, canhões,

⁶⁶ José Pascoal Chipongo, Entrevista, Mapai, 22.10.95.

⁶⁷ Tempo 319, p.51.

morteiros, infantaria, aviação e cavalaria montada sucediam-se em diferentes regiões, ao longo da fronteira, tal como em Chicualacuala e Chitanga (atacaram a serração local, queimaram uma viatura e mataram dois elementos de guarnição); Changara, Nura, Chioco, Centu e Chicombizi entre outras regiões numa clara manifestação de guerra total. (Mapa 3)

O primeiro ataque contra a vila sede do distrito ocorreu em de Setembro de 1976. Nesse ataque os rodesianos penetraram através da porta fronteiriça. Daí em diante instalaram um altifalante através do qual anunciavam as suas provocações políticas ou ataques militares. No dia 26 de Outubro, tropas rodesianas bombardearam o campo de refugiados zimbabwianos situado no comando conjunto em redor da vila. O ataque seguinte foi nas lagoas próximas da vila contra pessoas que iam a busca de água como o que aconteceu em Janeiro de 1977 em que fecharam o caminho principal de acesso ao local. No dia 17 de Agosto de 1978, num ataque de grande envergadura, foi abatido um avião que bombardeava a vila mas outros destruíram a estação troposférica dos CTT que dista 7 km da vila. No dia 20 mesmo mês, um outro ataque dizimou um pelotão inteiro de soldados das FPLM que foi sepultado no mesmo local.⁶⁸ Como anteriormente referido, os ataques sucediam-se. Em Julho de 1976 foi bombardeada a zona de Combomune com maior incidência contra uma loja cujo proprietário tinha se refugiado na Rodésia; Mabalane foi atacada em 1979 da destruição da período que destruíram a ponte que liga Chibuto a Chokwé. Este acto leva-nos a concluir que era um sinal de penetração em direcção a capital do

país.

Os ataques de grande envergadura seguiram uma trajectória um pouco complicada. Primeiro foi Pafúri e Mavue seguindo-se as povoações que se localizam ao longo do rio Nuanetze: Pafuri, Mapai-Ngala, Mapai-Estação, Combomune, Mabalane e só mais tarde a sede do distrito, Malvéria (hoje Chicualacuala). Este procedimento devia-se ao facto de as zonas atingidas serem as mais povoadas e providas de infra-estruturas económicas. Por outro lado, com o encerramento da fronteira, a linha férrea tinha perdido a sua importância, deixando a sede distrital isolada das restantes regiões como uma ilha. Igualmente, estas regiões ficam mais próximas da capital do país, das representações diplomáticas, onde o impacto da guerra teria outra percepção.⁶⁹

Face ao recrudescimento dos ataques rodesianos, em 1977, foi decido o reforço do contingente militar estacionado no distrito, assim como a sua capacidade de fogo com o envio de uma brigada, pois até esta decisão o distrito era guarnecido por um batalhão, que não era mais que uma companhia reforçada. Verificando-se falta de homens para o exército, o governo através da Lei 4/78 - Lei do Serviço Militar obrigatório, incorporou muitos jovens no exército o que possibilitou a preparação entre 1977/78 da 6ª Brigada que para ali se deslocou em 1979.⁷⁰ A instalação da Brigada naquela região não foi fácil. As forças rodesianas,

⁶⁸ Almeida Jossene, Entrevista, Chicualacuala: 18.10.95

⁶⁹ Paulino Macaringue, Entrevista: Maputo, 28.5.99.

⁷⁰ Paulino Macaringue, Entrevista: Maputo, 28.5.99.

Até este período, Chicualacuala era guarnecida por um Batalhão composto por três companhias: uma equipada com armamento pesado (B10 e B11), a segunda de artilharia equipada com canhões de 75mm e a terceira de defesa antiaérea, equipada antiaéreas (Estrelar, ZG11). Almeida Jurnia Jossene, Entrevista: Chicualacuala, 17.10.95.

apercebendo-se deste reforço, trataram de evitar que isso se tornasse possível, através de bombardeamentos constantes, ao ponto de aventar a hipótese de se penetrar via Mabote após uma paragem obrigatória em Combomune. Na progressão para o destino, a 6ª Brigada foi flagelada pelo inimigo, tendo perdido 18 viaturas e acabou por se fixar em Mapai até ao fim da guerra. A Brigada era dirigida por comandantes carismáticos da FRELIMO como o Brigadeiro Matias Juma, o Brigadeiro Ajap e Paulo Chembene.⁷¹

O envio da 6ª Brigada para Mapai coincidiu com o início das conversações de Lancaster House, entre os nacionalistas zimbabwuanos, o regime rodesiano e a Grã-Bretanha, potência colonizadora e tais conversações que iriam conduzir o Zimbabwe à independência. Durante este período, os ataques reduziram-se e só terminaram com assinatura dos acordos que abriam o caminho para o fim do regime de Ian Smith e a organização das eleições gerais.

Quando os rodesianos terminaram os seus ataques contra Moçambique, deixaram atrás de si a RENAMO, que reunia em seu redor, todos os oponentes da FRELIMO. Foi Orlando Cristina que, com apoio dos serviços secretos rodesianos, recrutava os antigos militares e paramilitares negros do exército colonial e este grupo, como uma unidade militar e não como um movimento político.

⁷¹ Paulo Chembene, entrevista: Chicualacuala, 20.10.95

2.2 A Rodésia e a Criação da RENAMO

A origem da RENAMO remonta do ano de 1974. Em Março desse ano dirigentes da PIDE-DGS e da CIO rodésiana chegaram ao acordo para a constituição de "um movimento negro" "secreto" oposto aos interesses da FRELIMO. Este movimento criado por pressão da Direcção de Inteligência Rodésiana, tinha características diferentes dos Grupos Especiais - GE's - criados pelo comando das forças armadas em colaboração com a "frente interna" de Jorge Jardim.⁷² No ano anterior em que foram ultimadas as bases para a constituição do referido movimento, estavam criadas as condições de formação dos primeiros destacamentos. Para o efeito, na região de Gondola - Manica, sob a direcção do Major Óscar Cardoso, iniciou-se a preparação do primeiro contingente constituído a partir de elementos negros dos serviços secretos das forças armadas portuguesas.⁷³ Contudo, o Movimento das Forças Armadas Portuguesas (MFA), que derrubou o governo fascista de Marcelo Caetano em 25 de Abril de 1974, fez gorar as pretensões deste grupo. Receando represálias do MFA ou da FRELIMO, este grupo refugiou-se na Rodésia. Desde cedo a Rodésia estava interessada em ter um grupo que servisse de "olhos e ouvidos" em Moçambique para fornecer informações sobre o ZANLA, daí que passou a servir-se dos antigos membros desse grupo como informadores das acções da ZANU no país. Coube a Orlando Cristina o papel de reagrupar esses elementos e o recrutamento de novas pessoas com ajuda da emissora "Voz da África Livre", criada para servir os

⁷² Tajú, 1988: 11.

⁷³ Vieira, 1988, p.9; Antunes, 1996, p.464.

objectivos desse grupo. Constituídos os primeiros efectivos em 1977, o movimento tomou designação de MNR - Movimento Nacional de Resistência (RENAMO).⁷⁴ Orlando Cristina foi recrutando os antigos militares e paramilitares negros do exército colonial e desenvolveu o MNR como uma unidade militar para destruir infra-estruturas económicas e servir de apoio às forças rodésianas contra a ZANLA⁷⁵ dentro de Moçambique. A Rodésia concebeu o MNR como um instrumento de destruição de objectivos limitados.⁷⁶ Minter considera que a Rodésia usou a MNR para punir Moçambique pelo seu apoio aos guerrilheiros zimbabwuanos.⁷⁷

A queda de Smith, em 1980, deixou a Renamo sem bases para desencadear suas acções em Moçambique e resultou numa presença insignificante da RENAMO em Moçambique, sobretudo com a captura e destruição do seu quartel-general pelas FAM/FPLM em 1982.

As conversações de Lancaster House realizadas em Dezembro de 1979, sobre o futuro do Zimbabwe, decidiram a realização de eleições gerais com a participação de todos os partidos e movimentos de libertação como primeiro passo para a Independência do Zimbabwe, o que inquietou o regime rodésiano quanto ao futuro do MNR. Ian Smith vendo que o MNR já não servia os seus propósitos entregou-o aos sul-africanos que tinham as suas atenções mais viradas para Angola, porque

⁷⁴ A partir de 1987 o MNR passou a usar o epíteto RENAMO em língua portuguesa, que quer dizer Resistência Nacional Moçambicana

⁷⁵ Newitt, 1995, pp.563-564.

⁷⁶ Minter, 1994. p.134.

⁷⁷ Minter, 1994. p.134.

a Ródésia servia de qualquer jeito a defesa dos interesses sul-africanos em Moçambique.

III - A GUERRA DA RENAMO (1980-1992), NO DISTRITO DE CHICUALACUALA

3.1 Os Primeiros Focos de Guerra no distrito

A África do Sul que também pretendia punir Moçambique devido ao seu apoio ao ANC, recebeu o MNR e concedeu-lhe facilidades de treino nas suas bases localizadas na Província do Transval, sobretudo na região de Phalaborwa. Em Phalaborwa localizava-se o quartel do 7º Regimento de Infantaria sul-africana no qual o MNR tinha ao seu dispor material de comunicações, telefónico e instalações de retaguarda dos grupos armados nesse local. Outra base militar que servia de treino para os homens da MNR pertencia ao quartel do quinto batalhão de reconhecimento, conhecido por "Five Recce", que dista 25 quilómetros a norte de Phalaborwa, mais perto da região de Pafúri.⁷⁸

É a partir desta região de Phalaborwa que a MNR penetrava em território moçambicano, quer por via aérea, quer pela via terrestre.

A África do Sul ao assumir o MNR integrou-a na sua "Estratégia Total", cujos objectivos imediatos em Moçambique, eram de causar a máxima destruição possível, e a médio prazo, obrigar Moçambique a adoptar uma atitude favorável à África do Sul.⁷⁹ Para que estes objectivos fossem alcançados a MNR foi integrada na cadeia de comando da Direcção de Inteligência Militar (DMI) das

⁷⁸ Paulo Oliveira, entrevista: CEA, Maputo, 23.3.88

⁷⁹ Johnson and Martin, 1986,p.2.

Forças de Defesa sul-africanas (SADF)⁸⁰ que decidiam sobre o que a MNR devia fazer, tal como no período em que estava sob o controlo dos rodesianos, a direcção do MNR continuou sem poder de decisão mas cumprindo a sua nova missão: a desestruturação económica, social e política de Moçambique.

Foi sob a liderança sul-africana que as acções da RENAMO atingiram o distrito de Chicualacuala. Os primeiros sinais foram detectados nos meados de 1980 na região norte do distrito e que se intensificaram a partir de 1982.

Tendo fé nos entrevistados, a guerra da RENAMO começou neste distrito vinda do norte, ou seja, da provincia de Manica, no ano de 1982. No entanto, os primeiros focos de homens armados ocorreram na região de Mavue (Mavue é uma região fronteiriça com o Zimbabwe, separada de Manica pelo rio Save), em Agosto de 1980, depois de terem sido largados por aviões provenientes da África do Sul. L. Pacule recorda que a guerra da RENAMO veio da direcção de Manica, no ano de 1982, num dia em que o rio estava cheio, e que os guerrilheiros da RENAMO, para atravessá-lo, cortaram cascas de árvores e utilizaram-nas como barcos. Por insuficiência de homens e armamento, os soldados das FAM/FPLM estacionadas na zona foram ao local observar, mas não puderam intervir porque os homens da RENAMO estavam melhor equipados, enquanto eles só traziam armas ligeiras.⁸¹ Das pessoas entrevistadas havia um residente de Mabote, Província de Inhambane, que lhes disse que a guerra veio de Gaza.⁸² Contudo alguns

⁸⁰ Cf. Vieira, 1988, paper apresentado num seminário realizado na Suíça.

⁸¹ Feliciano Laiáha Pacule, Entrevista, Chicualacuala: 17.10.95.

⁸² Antigos residentes de Dindiza dizem o contrário, para eles a guerra veio de Inhambane, do distrito de Mabote, foi lá que começaram a queimar casas. Entraram primeiro em Machaila na zona de Banhine e foi a partir daqui que se

investigadores afirmam que a África do Sul, quando assumiu a RENAMO, procedeu inicialmente a uma maciça campanha de recrutamento e treino de novos efectivos e a partir de finais de 1981 introduziu no país milhares de homens armados e procurou abrir novas frentes de infiltração no sul e centro de Moçambique com o objectivo de sabotar o oleoduto Beira-Feruka e de impedir a progressiva recuperação de tráfego nos caminhos de ferro com as mercadorias do Zimbabwe, Zâmbia e Malawi.

O ano de 1982 pode-se considerar o ano de penetração da RENAMO nas províncias do sul, porque a seguir à destruição da base de Gorongosa⁸³ e de Garagua, em 5 de Dezembro de 1981, os guerrilheiros da RENAMO reagruparam-se e abriram novas frentes.⁸⁴ De acordo com Vines, a partir de 1982, a Renamo infiltrou-se em 9 das 10 províncias do país.⁸⁵ Uma parte através, da provincia de Manica, dirigiu-se para o sul, para as províncias de Gaza e Inhambane. Segundo Ngonhamo citado por Manganhele, a RENAMO expandiu-se em dois grupos, um para o Norte e outro para o Sul.. Esta acção segundo o mesmo entrevistado teria ocorrido entre 23 e 24 de Dezembro de 1980 quando atravessaram o rio Save. Um deles fixou-se em Inhambane e outro formado por 480 homens passou para a provincia de Gaza e tomou a região entre a fronteira e o distrito de Massingir. Nos finais de 1981 foi montada a base de Nhanala a norte do distrito de Chibuto, quase à entrada do de Chigubo. Em 1982, aquela viria a tornar-se a base regional e

dirigiram para Dindiza. De Dindiza se espalharam apara Phetula, Mabalane, etc. Daniel Fabião Chichongue, Entrevista, Chicualacuala: 19.10.95.

⁸³ Muianga, 1995. P.60.

⁸⁴ Muianga, 1995. p.60.; Hedges, 1987, p.18.

para Comandante foi designado Francisco Paulo Gomes. A base era responsável por distribuir o material por todas as outras bases mais pequenas e postos avançados e coordenar as actividades militares e por toda a regional sul do país. A base de Nhanala estava em oposição ao Comando Militar de Gaza, que tinha a sua sede na cidade de Chibuto.⁸⁶ Apesar da RENAMO ter iniciado as suas actividades em 1982, o flagelo da guerra começou a sentir-se em quase todo o norte do distrito de Chicualacuala em 1983, quando as acções da RENAMO tornaram-se mais intensas. Nesse ano a RENAMO assaltou o quartel de Mavue depois de um combate renhido que obrigou as FPLM a recuarem. A seguir ao assalto estabeleceram-se no local. Dias depois foi reconquistado com o apoio das forças zimbabweanas solicitadas para o efeito. As FPLM permaneceram no local até 1984 quando receberam ordem para se retirarem.

Em 1984, uma manobra conjunta envolvendo infantaria motorizada e artilharia da 2ª Brigada de Massingir e da 6ª Brigada de Mapai, deslocou-se a Mavue e penetrou no mato onde descobriu bases em Mavue, Muzama, Maundge. Para a destruição da base de Maundge, as FPLM aplicaram-se a fundo. O combate para a destruição da base iniciou-se às 8 da manhã até às 12 horas sem sucesso. Reiniciando mais tarde, as FPLM só conseguiram penetrar na base cerca de meia noite do dia seguinte. Foi no mesmo local que uma manobra, conjunta envolvendo as FPLM e tropas hélio-transportadas zimbabweana, destruiu uma base e recuperou muitas cabeças de gado, que levaram para o Zimbabwe.

⁸⁵ Cf Vines, 1991, pp.15-17.

⁸⁶ Manganhele, 1997, p 91.

Analisando os relatos dos entrevistados conclui-se que a RENAMO, na sua progressão para o sul não protagonizou nenhum ataque de grande envergadura limitando-se a colher informações de carácter militar. O objectivo inicial era o de estabelecer uma ligação entre os campos de treino e logística sul-africanos e a região central de Moçambique onde se localizavam as bases centrais da RENAMO. A primeira acção foi estabelecer uma zona tampão na região de Macandazulo, fronteira com África do Sul, para camuflar a travessia da fronteira de e para Phalarborwa. Esta acção estava de acordo com o plano sul-africano de abastecer a RENAMO por terra e ar.

3.2 O Papel sul-africano no Conflito Armado em Moçambique 1980-1984

Até meados da década 70, a política externa da África do Sul, era de "detente", face aos movimentos de mudança que se desenvolviam em grande parte dos países africanos e da América Latina. John Vorster, ao seguir uma política de contenção, face aos movimentos de libertação, criava à sua volta um cordão de países de regimes brancos que o protegiam de qualquer contacto com os movimentos renovadores e de uma repressão feroz de qualquer movimento que internamente tentasse contestar o seu regime.

A crise de Muldergate, que marcou a queda de John Vorster e ascensão de Pieter Botha, foi um marco na mudança da política externa da África do Sul, com a transformação da "Estratégia Total" preconizada no "Defence White Paper" em política oficial do regime, dando primazia ao papel dos generais na tomada de

decisão sobre a política do governo. A "Estratégia Total", nas suas linhas principais, pressupunha a utilização de todos os recursos - económicos, políticos, diplomáticos, culturais, ideológicos, sócio-psicológicos e militares em defesa do apartheid - contra todos os seus adversários, onde quer que eles estivessem.⁸⁷

Esta política surgiu da convicção de que a África do Sul enfrentava um "aniquilamento" total por parte da União Soviética e dos seus aliados, que pretendia derrubar o seu corpo político e substituí-lo por uma forma de governo de orientação marxista.⁸⁸ A estratégia regional da África do Sul tinha como objectivo a preservação do "apartheid" e a manutenção da dominação regional na África Austral. Todavia, no passado, o objectivo principal era apoiar os regimes coloniais na região. Face às mudanças políticas na região, a partir de 1975, o regime sul-africano passou a utilizar o método de desestabilização com o intuito de manter a África do Sul do Apartheid como potência regional, rodeada por uma cintura de estados subjugados servindo de mercado de mão-de-obra, matérias-primas e, quando necessário de serviços de transporte.⁸⁹

A ascensão de Pieter Botha e dos generais, aconteceu no momento em que se previa a queda do regime rodesiano. Alguns investigadores sustentam que, quando os rodesianos solicitaram ao regime sul-africano que a assumir o controle da RENAMO, eles ainda não tinham uma ideia clara sobre as medidas a serem tomadas. A transferência dos líderes da Renamo e de algumas das suas unidades para África do Sul deu-se no momento em que as FPLM registavam sucessos no

⁸⁷ Oden, B; Ohlson, T, 1994. p.226.

⁸⁸ Vale, 1988 p.23.

combate e destruição das bases deste movimento, o que previa o seu aniquilamento e desaparecimento.⁹⁰ Contudo nos doze meses que antecederam a independência do Zimbabwe, Magnus Malan e o General Peter Walls, sua contraparte rodesiana, chegaram a um acordo de contingências que previa a transferência dos Selous Scouts e o MNR para a África do Sul, temendo serem objecto de represálias pelas atrocidades cometidas caso permanecessem no país depois da independência. Deste modo, quando a 4 de Março de 1980 foi anunciada a vitória da ZANU nas eleições rodesianas constituiu um choque para o regime rodesiano e o MNR. Perante este cenário, nas vésperas da independência do Zimbabwe, o regime sul-africano pôs em marcha o plano de contingências - "operação Mila" -, concedendo aos Selous Scouts e o MNR 72 horas para abandonarem o país através dos meios por eles disponibilizados.⁹¹ Os objectivos da África do Sul, ao assumir a RENAMO, era de obrigar Moçambique a deixar de apoiar o ANC, o que significava retirá-lo do seu refúgio. Geldenhuys afirma que a África do Sul com esta atitude pretendia "*influenciar Moçambique a desligar-se, ou mesmo a cortar os seus estreitos laços - particularmente no campo militar - com as potências comunistas*". Além disso a África do Sul queria que Moçambique perdesse o seu fervor revolucionário e moderasse a sua condenação ao Apartheid, tornar-se mais amigo e cooperativo.⁹² Por outro lado, era seu objectivo manter os Estados interiores da Linha da Frente dependentes da África do Sul através da

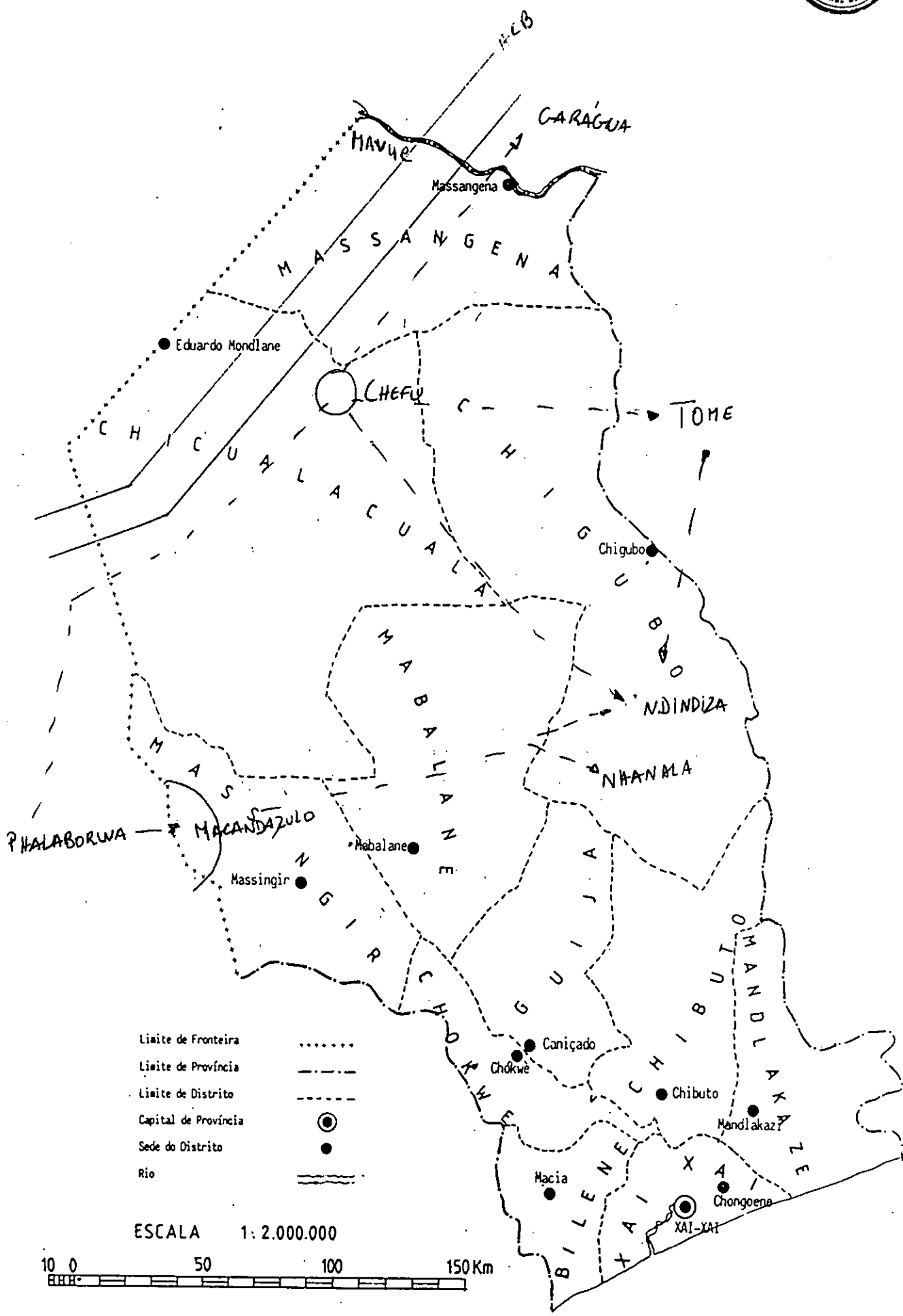
⁸⁹ Olson, 1990, p.18.

⁹⁰ Em Fevereiro de 1980, as FPLM estabeleceram o controlo sobre Gorongosa; em junho do mesmo ano através da operação Leopardo a Renamo foi escuraçada de Sitatonga. Ver Martin, Johnson, Duru, 1986, pp.18-19.

⁹¹ Johnson,P; Martin,D, 1986. p.12-13.

⁹² Geldenhuys, 1982. p. 19.

ROTAS DE TRAVESSIA DO DISTRITO DA ÁFRICA DO SUL P/CENTRO-NORTE DO PAÍS



destruição das alternativas de transporte.⁹³

A transferência dos líderes da RENAMO e algumas das suas unidades para África do Sul, deu-se no momento em que as FPLM registavam sucessos no combate e destruição das bases deste movimento, suspeitando-se o seu aniquilamento e desaparecimento⁹⁴

Para a realização da sua estratégia, a tática adoptada pela África do Sul, foi de alargar a actividades da RENAMO em todo o território nacional, o que implicaria maiores gastos e vulnerabilidade das FPLM.⁹⁵, tendo em consideração a vantagem que os atacantes teriam na escolha da localização dos alvos a atingir.⁹⁶,. Mesmo se fosse o caso, a geografia tornava impossível defender mais que uma pequena parte das estradas de ligação, corredores ferroviários e linhas de energia, e muito pior no caso da população rural dispersa. A tentativa de minimizar esta dificuldade por meio de reagrupamento da população terá sido, apesar de todos os efeitos negativos, componente inevitável da estratégia de contra insurgência.⁹⁷ Entre 1980 a 1982 a pressão militar contra Moçambique cresceu de uma acção de baixa intensidade para se transformar num assalto generalizado e permanente.⁹⁸

⁹³ Minter, 1998. p.174.

⁹⁴ Tomando de exemplo sobre esta probabilidade, no início de 1980 as FPLM anunciavam vitórias contra restos do MNR. Em Fevereiro o MNR foi expulso da sua base das montanhas da Gorongosa; em Junho forças moçambicanas desalojaram o MNR de uma nova base, em Sitalonga onde encontraram pistas de aterragem de helicópteros e abastecimentos que revelavam o envolvimento activo das forças sul-africanas Minter, 1998 . p.51.

⁹⁵ Paulino Macaringue, Entrevista: Maputo, 20.5.99.

⁹⁶ A protecção de alvos-chaves e da população requeria da parte do governo a imobilização de grandes números de tropas em posições defensivas

⁹⁷ Minter, 1998. p.308.

⁹⁸ Minter, 1998. p 53.

Os primeiros sinais no distrito de Chicualacuala de que a África do Sul ia desempenhar um papel importante na guerra de agressão contra Moçambique, deram-se no dia 17 de Agosto de 1980, quando uma avioneta branca de reconhecimento sobrevooou a sede distrital durante 10 minutos. A avioneta era pilotada por "dois brancos" que cruzaram o quartel, foram até a pista e outros locais que lhes chamaram atenção e retiraram-se, seguindo a linha da fronteira. Os militares que estavam no posto de observação não puderam intervir, porque não foram autorizados para o efeito.⁹⁹ No dia 15 de Janeiro de 1981, uma patrulha com destino ao marco 17 detectou no seu regresso uma violação da fronteira por 5 helicópteros que tinham ido descarregar elementos da RENAMO em Maundge. Estes homens permaneceram dois dias naquele local e, no terceiro, atacaram a 2ª Companhia estacionada em Mavue sem provocar vítimas, apesar de estarem melhor equipados. Com a intensidade do fogo do inimigo, a companhia teve de recuar, porque só estava equipada com armas ligeiras. Terminado o combate, os homens da RENAMO retiraram-se para Manica (mapa 4).

Além dos ataques directos protagonizados pela aviação e unidades de infantaria, o exército sul-africano, treinava, armava e penetrava no interior de Moçambique

⁹⁹ Almeida Jossene Jurnia, Entrevista: Chicualacuala, 20.10.95.

¹⁰⁰ Almeida Jossene Jurnia, Entrevista: Chicualacuala, 20.10.95.

¹⁰¹ Feliciano Laitha Pacule, conta que os milicianos de Phetula que se tinham refugiado em Chicualacuala B na tentativa de irem buscar seus bens que tinham abandonado nas suas casas foram deparar com uma base montada pela RENAMO. Com ajuda do batalhão de infantaria motorizada foram destruir a base mas na tentativa de empurrar o inimigo para zonas mais distantes foram encontrar outra base em Xitsetse e uma outra em Buabuase e terminaram com a destruição da base de Lihlangalungo onde encontraram muito material bélico.

Em 1984 a guerra já tinha atingido o corredor do Limpopo, a prova disso foram os ataques contra Chicualacuala B e que no último ataque os milicianos ali estacionados só salvaram-se quando se viram cercados decidiram sair em combate de avanço.

¹⁰² Alguns situam esta ordem no ano de 1986 que deve ser o ano mais provável porque até 1984 as FPLM ainda tinham algumas unidades nas aldeias do interior.

por via aérea e marítima para abastecimento ou colocação de novos guerrilheiros no interior de Moçambique. Aviões C-130 cruzavam o distrito, em direcção ao norte do distrito, mesmo depois das assinatura do Acordo de Nkomati. Segundo muitas fontes, imediatamente antes de Nkomati, a África do Sul fez entrar muito equipamento para a RENAMO, por exemplo, foram fornecidas 500 caixas de equipamento diverso em 25 voos. Este abastecimento começou a partir de 16 de Janeiro e teve continuidade nos meses de Maio, Junho, Julho, Setembro e Outubro de 1984.¹⁰³

Até 1983 a África do Sul tinha atingido seus objectivos dentro do distrito: estabelecer ligação por via terrestre e aérea entre o seu território (Phalaborwa) e a região centro do país, assim como o estabelecimento de bases de apoio/trânsito ao longo desse percurso. Homens armados atravessavam a fronteira na região de Pafúri, passavam pela zona de Mudgequete seguindo as linhas da CODAMO (Cabora Bassa) em direcção ao norte. Esta trajectória era a mesma seguida por aviões sobretudo a noite em que bastava ouvir o roncar dos motores para suspeitar o que se passava.

A África do Sul tinha concebido uma estratégia cujos objectivos consistiam na preservação do domínio da minoria branca e na manutenção da dominação regional na África Austral. Em que contexto a África do Sul ataca Moçambique? Segundo Olson, a estratégia sul-africana era de esmagar a oposição interna e manter a luta de libertação o mais afastado possível. O Estado do apartheid como referi

¹⁰³ Ver Minter, 1998, pp.245-246.

anteriormente, argumentava que estava a ser ameaçado por uma insurreição geral, uma estratégia orquestrada pelos soviéticos para dominar toda a região. Por isso relançaram o projecto CONSAS (constelação de estados) como uma aliança contra o marxismo.

A vitória da ZANU, a criação da SADC constituíram um fracasso do projecto sul-africano. A luta contra a dependência económica em relação à RAS, protagonizada pela SADC sobretudo no sector dos transportes, as relações de Moçambique com os países socialistas e o apoio aos movimentos anti-apartheid, fizeram com que Angola e Moçambique fossem definidos como principais adversários da África do Sul para não constituírem estados fortes com capacidade de se defenderem.

3.3 O Acordo de Nkomati

Em 1980, com a queda do regime rodesiano, a África do Sul assumiu a Renamo e integrou-a na estratégia total para desestabilizar o nosso país. Dentro da política da estratégia total a África do Sul tinha definido a Rodésia como o eixo da sua política de "Constelação de Estados", enquanto que o mesmo que os países da região, fundaram a SADCC como centro de sucesso da sua luta contra a dependência sul-africana. Além destes acontecimentos, assistiu-se também a subida de Ronald Reagan ao poder com a sua política de "Engajamento Construtivo" que incentivava acções anticomunistas que podiam ser de natureza militar. A Estratégia Total sul-africana e o Engajamento Construtivo americano, por terem algo de comum, o anticomunismo, encorajaram o regime sul-africano a

desestabilizar os seus vizinhos, sobretudo os que tinham governos de orientação marxista.¹⁰⁴

Quando Chester Crocker visitou a região em 1983, reconheceu que a escalada de violência que se vive em Moçambique dentro do conflito que opõe Moçambique estava a afectar outros países que não tinham relações militares com a União Soviética e que, a mesma, estava a minar as relações entre os países africanos da região e os Estados Unidos. Esta situação, segundo o governante americano, poderia obrigar Moçambique a solicitar uma intervenção militar soviética. Perante esta situação, a África do Sul deveria reduzir o nível de desestabilização em Moçambique.

No ano anterior a visita de Chester Crocker houve conversações em Komatiport entre o governo moçambicano e sul-africano sobre as possibilidades de entendimento para por fim acções militares sul-africanos no interior do país. Estas conversações foram retomadas em Dezembro de 1983 na vizinha Swazilândia. Por pressão americana e outros países ocidentais, o regime sul-africano viu-se obrigado a negociar um acordo de coexistência pacífica entre os dois países. Satisfeita a posição sul-africana de Moçambique deixar de prestar qualquer tipo de apoio aos guerrilheiros do ANC, o acordo foi assinado, nas margens do rio Incomati, em 16 de Março de 1984.

Durante o período de negociações do Acordo de Nkomati, a RENAMO abriu novas frentes e, em 1982 já actuava em 9 das 10 províncias do país. Até esta altura, a África do Sul tinha definido como principais actividades da RENAMO, a

¹⁰⁴ Ver Johnson and Martin, 1986, p. 224-26.

sabotagem das principais vias de comunicação com o hinterland, a estrada nacional nº1, os trabalhadores estrangeiros a prestar serviço em Moçambique, as aldeias comunais e infra-estruturas económicas como as torres de Cabora Bassa. A realização destas acções contava com a participação directa do exército sul-africano. No entanto, enquanto se discutia as possibilidades de um acordo de boa vizinhança e não agressão, o exército sul-africano introduziu milhares de homens armados e equipamento suficiente para a RENAMO actuar de forma autónoma nos seis meses seguintes ao acordo, enquanto se estudava novas modalidades de apoio. Um apoio suplementar foi canalizado através do envio de especialistas para treinar 100 instrutores e 200 recrutas. Segundo Minter uma mensagem de 16 de Junho de 1984 solicitava aos sul-africanos mais apoio, porque a RENAMO não conseguia sustentar o sucesso das FPLM por falta de equipamento. Documentos encontrados em Gorongosa, em 1985, revelavam a presença de altos governantes sul-africanos nas bases da RENAMO e contínuo apoio material para se cometer atrocidades.

A estratégia adoptada pela África do Sul para continuar a apoiar a RENAMO de uma forma velada, foi o uso da via terrestre e marítima. Uma das primeiras medidas tomadas pela África do Sul quando assumiu a RENAMO, foi o estabelecimento de uma importante base em Macandazulo, junto à sua fronteira. A partir desta base canalizava uma boa parte do apoio que seguia via terrestre. Outro procedimento foi dar continuidade aos abastecimentos que eram feitos pelo mar através da província de Inhambane. Familiares e amigos que viajavam ao longo da estrada nacional nº1 contam que na zona de Chimbala

que fica entre Chissibuca e Mavila, não se podia atravessar a partir das 15 horas. A partir deste período, os guerrilheiros da RENAMO atravessavam em direcção, ao mar ou vice-versa. É provável que esta movimentação permanente dos guerrilheiros da RENAMO, nesta região, fosse para um contacto com algum barco. O teatro radiofónico da Rádio Moçambique, apresentou várias vezes um programa conhecido por "as baleias de Quissico" fosse uma sátira a retractar este facto.

Outro exemplo da contínua participação da África do Sul ao lado da RENAMO, verificou-se nos finais de Setembro de 1986, quando começou a infiltrar milhares dos seus homens armados apoiados em grande medida por militares sul-africanos e malawianos na província da Zambézia, a partir do território malawiano, o que nos meses subsequentes resultou em massacres, deslocações em massa de populações e destruição de infra-estruturas.¹⁰⁵

Portanto, o Acordo de Nkomati não eliminou o apoio e assistência sul-africana a RENAMO. No entanto, o governo sul-africano justificou este apoio como não sendo oficial e fora do controlo governamental. Mas segundo a acta da reunião havida pouco antes do acordo dizia " Nós os militares sul-africanos continuaremos a dar apoio sem o consentimento dos nossos políticos, em número massivo para poderem ganhar...".¹⁰⁶ Outro exemplo evidente do apoio dos políticos sul-africanos, foi encontrado em Gorongosa. Documentos ali encontrados revelavam a presença do vice-ministro dos negócios estrangeiros

¹⁰⁵ Hedges, 1987, p.20.

¹⁰⁶ Cf. Johanson and Martin, 1987, p.28.

sul-africano em 8 de Junho de 1985.

Os sinais da aplicação do Acordo de Nkomati começaram a surtir efeito com mudanças políticas na África do Sul, introduzidas por subida de Frederic de Klerk.

3.4 A Renamo e a Dinâmica de Guerra no Distrito

As acções militares da RENAMO no distrito de Chicualacuala foram detectadas em 1980 como anteriormente referido. Estas acções foram aumentando de escala com o apoio da aviação sul-africana. Por exemplo, no dia 25 de Março de 1981, foram detectados 4 aviões vindos da R.S.A. a descarregaram homens armados na zona de Chitanga. Militares estacionados naquela região foram observar e não puderam fazer nada, limitando-se a mandar informação ao batalhão. Estavam estacionadas naquela região nortenha do distrito algumas companhias, como Mavue, Chitanga e Chitanga A.

Detectadas as primeiras bases do inimigo na zona de Mavue, os militares da 2ª Companhia ali estacionados pediram apoio aos militares zimbabweanos, à Brigada de Mapai e ao batalhão estacionado em Chicualacuala. Na destruição dessas bases foi dizimado quase todo o efectivo do inimigo excepto 40 elementos que se refugiaram no Zimbabwe e que foram capturados mais tarde.

Em 1983 as actividades da RENAMO aumentaram de intensidade, o que tornava difícil abastecer as unidades militares estacionadas no norte do distrito, como por exemplo, as de Chitanga. O problema que afectava as unidades militares

daquela região era o número reduzido de efectivos. Em algumas destas unidades acontecia que duas companhias fossem constituídas por 40 homens, por falta de reforços, além dos que morriam em combate, muitos abandonavam suas unidades, pois a permanência dependia da coragem e sentimento patriótico de cada um.¹⁰⁷

Feliciano Pacule recorda que, na zona onde a sua unidade estava estacionada eram vítimas dos ataques da RENAMO, facilitado pelo número reduzido do efectivo que mais tarde foi reforçado por jovens milicianos. Como consequência, em 1983, a RENAMO invadiu o quartel e acampou e só se retiraram quando foram atacados por forças conjuntas moçambicanas e zimbabweanas.

Em 1984, ano da assinatura do Acordo de Nkomati, com o apoio sul-africano a RENAMO já tinha bases no norte do distrito. Por exemplo, forças conjuntas do Zimbabwe e de Moçambique destruíram três bases na zona de Mavue, Muzamana e Maundge e numa delas o combate foi renhido, começou pelas 8 horas da manhã até as 12 horas, continuando pouco tempo depois e só terminou pelas zero horas quando as FPLM penetraram na base.¹⁰⁸

A presença cada vez maior dos homens da RENAMO no distrito fez com que em 1984¹⁰⁹ mais provavelmente em 1986 fosse emitida uma ordem para retirar a

¹⁰⁷ Almeida Jossene Jumia, Entrevista: Chicualacuala, 20.10.95.

¹⁰⁸ Feliciano Laitha Pacule, conta que os milicianos de Phetula que se tinham refugiado em Chicualacuala B na tentativa de irem buscar seus bens que tinham abandonado nas suas casas foram deparar com uma base montada pela RENAMO. Com ajuda do batalhão de infantaria motorizada foram destruir a base mas na tentativa de empurrar o inimigo para zonas mais distantes foram encontrar outra base em Xitsetse e uma outra em Bualuaise e terminaram com a destruição da base de Lihlangalungo onde encontraram muito material bélico. Feliciano Laitha Pacule, Entrevista: Chicualacuala, 17. 10.95

Em 1984 a guerra já tinha atingido o corredor do Limpopo, a prova disso foram os ataques contra Chicualacuala B e que no último ataque os milicianos ali estacionados só salvaram-se quando se viram cercados decidiram sair em combate de avanço.

¹⁰⁹ Alguns situam esta ordem no ano de 1986 que deve ser o ano mais provável porque até 1984 as FPLM ainda tinham algumas unidades nas aldeias do interior.

população que vivia no interior assim como todas as unidades que se situavam no interior norte do distrito para as zonas mais seguras. Contudo até 1984 a guerra não tinha atingido o distrito na sua totalidade somente as zonas de Mphuzi e Saúte, que eram corredores da RENAMO de e para a África do Sul, apresentando problemas de insegurança e de circulação. Portanto, o ano de 1984 pode ser considerado como marco divisório da primeira da implantação da RENAMO no distrito com maior incidência nas regiões norte e a sua penetração para o sul e a consequente abertura da rota que ligava as bases do movimento e Phalaborwa. Nesta primeira fase exceptuando a zona norte do distrito, a RENAMO evitava a confrontação com as FPLM.

Um ano depois da assinatura do Acordo de Nkomati, as FAM/FPLM realizaram operações de grande envergadura contra a RENAMO sobretudo contra as bases situadas em Manica e Sofala. Assim, em Agosto de 1985, as FPLM capturaram a base central de Gorongosa e face a esta acção a RENAMO no dia 20 do mesmo mês sabotou a linha férrea do Limpopo que desde aí ficou inoperacional.¹¹⁰ No entanto, dentro dos acordos de defesa entre os dois países foram enviadas unidades militares da ZDF (Zimbabwe Defence Force) e das FPLM formadas em Nyanga no Zimbabwe para a defesa da via e desempenharam um papel preponderante para a sua reabilitação iniciada em 1987. A sabotagem desta via pela RENAMO era o início de acções em grande envergadura que se assistiu nos anos subsequentes. A primeira zona a ser atingida em grande escala foi Mapai,

¹¹⁰Em relação a estas sabotagens alguns investigadores dizem que o encerramento da linha do Limpopo ocorreu em 1984.

entre 1987/88.¹¹¹ De acordo com Manganhele, o ano de 1987 foi o ano em que a RENAMO mudou de face e tornou-se mais violenta, atacando até os antigos aliados. Esta mudança de atitude era em cumprimento da ordem do Comandante Regional - General Gomes - que tinha recebido ordens do Comando Central segundo a qual os guerrilheiros deviam deixar de ser complacentes e passassem a fazer ataques com seriedade, carregassem tudo o que encontrassem para a base, destruíssem tudo o que conseguissem e matassem todos os inválidos e indivíduos raptados que não pudessem caminhar.¹¹² Uma notícia publicada no Expresso imputada ao ministro moçambicano da defesa diz: *a partir da primeira quinzena de Novembro (1988), os bandidos armados concentraram as acções no ataque e assalto às posições e aquartelamento militares*.¹¹³ Portanto o ano em que a RENAMO flagelou a região de Mapai foi o ano em que as suas acções se intensificaram em toda a província de Gaza e outras regiões do país. Esta mudança de atitudes da RENAMO tem a haver com o que se passava na região centro do país. Nesta região a partir de Setembro de 1986 com apoio do Malawi e da África do Sul, a RENAMO infiltrou milhares de homens armados na Província da Zambézia dentro do objectivo de dividir Moçambique em três. Mas uma contra ofensiva das FPLM iniciada em Dezembro do mesmo ano desbaratou por completo esses intentos ao recuperarem diversas localidades que tinham sido ocupadas na província da Zambézia, Manica e Sofala. As derrotas sofridas nesta

¹¹¹Manuel Simone Guivala, entrevista: 16.10.95

Sobre o mesmo assunto, António Maducane Simango transferido de Moamba para Chicualacuala em 1987 sustenta que onde viu maior violência da RENAMO foi em Moamba onde esteve destacado tempos antes.

¹¹²Manganhele, 1997. p. 93.

¹¹³Expresso: 04. 03. 89

região provocaram ira nos líderes do movimento que decidiram agravar suas acções no sul através de massacres e destruição que vinham protagonizando.¹¹⁴ As acções da RENAMO foram ganhando terreno o que obrigou a população abandonar as zonas de Chitanga e recuar para Litlhatlha, que dista 17 km de Chicualacuala.¹¹⁵ O ataque a Mapai foi a primeira acção de grande envergadura da RENAMO E, Posteriormente, as acções se estenderam para outras regiões como Chicualacuala-Rio, obrigando as populações a refugiarem-se em Mapai e Pafúri. Em Pafúri estas populações viram-se obrigados a refugiar-se na África do Sul, quando em 1989, um batalhão da RENAMO tomou de assalto a sede do posto administrativo.¹¹⁶ Para ilustrar que nenhuma zona escapou a acção da RENAMO observemos o seguinte depoimento:

A RENAMO chegou na minha zona (Munguzulala - Régulo Chicualacuala) em 1982. Vinha de Vinhosa onde tinha morto pessoas. Quando chegaram em minha casa levaram todo o meu gado, 140 cabeças de gado e cerca de 30 cabritos. Chegaram de manhã enquanto estive sentado (em minha casa), levaram-me a roupa, dinheiro (300 contos). Mataram meu filho que trabalhava no Vinhosa. Fugimos para o rio Nwanetzi, ficamos lá 6 anos até que um dia vieram nos atacar e saímos para Chicualacuala-B onde ficamos 1

¹¹⁴Hedges, 1987, p.20. Um dos primeiros massacres protagonizados pela Renamo na região sul do país ocorreu na Estrada Nacional nº 1 defronte da Aldeia 3 de Fevereiro em 1986. Seguiram-se no ano seguinte o de Homoine e Manjacaze; a cidade de Chibuto foi ocupada durante 2 dias em 1988.

¹¹⁵ Arone Sibanda conta que quando a RENAMO chegou a Chitanga a população teve de se refugiar no Zimbabwe onde permaneceu até 1988, altura em foram repatriados através de Chicualacuala. Arone Sibanda, Entrevista, Chicualacuala: 17.0.95

¹¹⁶Manuel Simone Guivala, Secretário para Organização e Mobilização da FRELIMO, Entrevista, Chicualacuala:

ano e depois vieram nos atacar e fomos nos refugiar em Chicualacuala-Rio onde permanecemos 6 anos. Atacaram-nos de novo em Chicualacuala-rio e retornamos para Chicualacuala-B. Neste último ataque mataram 9 pessoas. Chegadõs a Chicualacuala-B muitos apanharam o comboio do Zimbabwe.¹¹⁷

Portanto entre 1984 e 1989 a RENAMO actuava em todo o distrito. Tinha fixado algumas bases como Chidulo, Maunge e Buabuatse por serem locais de existência de água. A presença das FPLM fazia se sentir mais nos principais povoados que facilitavam fornecimentos logísticos. As acções de combate contra a RENAMO não eram para fixação de postos avançados, mas para destruição das bases ou de perseguição caso fossem detectados na zona. A RENAMO gozando da possibilidade de escolha do local de ataque ia concentrando as suas acções contra as populações e sectores económicos como a linha férrea.

O distrito de Chicualacuala, como anteriormente, foi referido, começou por ser alvo das incursões rodesianas, que no cômputo geral, não trouxeram pobreza para as populações deste distrito. Esta situação, de acordo com os entrevistados deveu-se ao facto de a "guerra de Smith" ter como alvo os quartéis, enquanto que a "nyimphi ya nwana namane"¹¹⁸ criou pobreza em todos os lares, dor e

16.10.95

¹¹⁷ Machavele Biza, entrevista, Chicualacuala-B: 21.10.95

¹¹⁸ Na tradução literal significa 'filho da mãe' mas o significado real quer dizer irmão ou filho da mesma mãe. O informador pretendeu ao usar a expressão dizer que foi uma guerra entre irmãos ao dizer que era guerra era entre filhos da mesma mãe.

sofrimento, porque era contra as aldeias.¹¹⁹ De facto a RENAMO actuou de acordo com as realidades que ia encontrando nas diferentes regiões. Por vezes, quando se instalava numa zona com o consentimento do chefe local, a população era mobilizada a prestar apoio aos guerrilheiros, indo trabalhar nas suas machambas ou dando uma parte da sua produção,¹²⁰ mas nas regiões onde encontrava resistência ou a presença das FPLM, reagia violentamente contra as populações considerando-as colaboradoras da FRELIMO. Por isso, muitos sustentam que, diferentemente da guerra rodesiana, a guerra da RENAMO foi mais violenta, porque muitas pessoas foram raptadas, assassinadas, brutalmente maltratadas e mutiladas. Segundo Manganhele quando os guerrilheiros da RENAMO chegaram a região de Lithani-Chibuto, atacavam e saqueavam as lojas do povo, cujo produto era distribuído pelas populações. Abatiam cabeças de gado do comerciante Capelo e distribuíam igualmente a carne pela população. Assim e, paulatinamente, foram os guerrilheiros da RENAMO se inserindo nas comunidades.¹²¹ Esta guerra atingiu em pouco tempo todo o distrito. Os prejuízos morais e económicos por ela provocados foram elevados, todos perderam bens como gado, alfaias agrícolas, familiares, isto é, todo o tecido social do distrito ficou destruído. Maluleque conta que uma das tácticas usadas pela RENAMO na sua região era de enviar pessoas que agiam como amigas para lhes obrigar a fugir e os que fossem encontrados eram mortos.¹²² A agitação para fuga permitia à

¹¹⁹Febis Manuel Javane, Entrevista, Chicualacuala-B 20.10.95.

¹²⁰Muianga, 1995, p.59.

¹²¹Manganhela, 1997, p.91.

¹²²Luis Mahuleque, Entrevista: 20.10.95.

RENAMO levar com eles o gado sem que os donos tivessem tempo de o conduzir para local mais seguro. Bassopa Vilanculo, funcionário da DPCCN, conta que quando a guerra da RENAMO atingiu o distrito, as estradas para Machaila tornaram-se intransitáveis e, por isso, os produtos doados e destinados às regiões de Massangena iam via Zimbabwe. Numa das viagens para o distrito de Massangena, depois de atravessarem a fronteira através de Mavue, encontraram uma carrinha com dois corpos de homens brancos carbonizados. Na segunda viagem, perderam o camião na região de Twiza por terem accionado uma mina e, na última, foram assaltados em Massangena, enquanto esperavam descarregar a mercadoria. Os soldados da RENAMO queimaram um dos dois camiões e obrigaram um homem branco (dono da loja de Massangena) a conduzir o carro até à base. Este carro foi recuperado com a sua carga graças à intervenção das forças zimbabweanas hélio-transportadas, assim como o condutor apesar de ter sido ferido no tiroteio¹²³ tendo recebido tratamento no Zimbabwe.

Com a intensificação das acções da RENAMO, em 1986, as FAM/FPLM receberam ordens para retirar a população das aldeias para zonas onde pudessem beneficiar da protecção das FPLM como o caso de Chitanga anteriormente referido. As populações que se tinham concentrado aqui tiveram que se retirar mais tarde para Chicualacuala, para não ser raptada pela RENAMO.¹²⁴

¹²³ Bassopa Gavaza Vilanculo, Entrevista, Chicualacuala: 22.10.95

¹²⁴ Segundo Almeida J. Jossene, As unidades que foram retiradas do interior concentraram-se ao longo da linha férrea. O batalhão de Chicualacuala patrulhava a linha férrea até Vouzela onde estava estacionado um batalhão zimbabweano, estes iam até Vouga onde estava uma companhia zimbabweana, esta patrulhava até Chicualacuala B onde estava estacionada uma força de milicianos; estes faziam o mesmo até Mapai onde estava estacionada a brigada e, assim em diante. Almeida J. Jossene, Entrevista: 20.10.95

A actuação da RENAMO não difere bastante de outras regiões do país. Antigos residentes de Mabote contam que a guerra chegou naquele distrito vindo de Gaza.¹²⁵ Como em outros locais, neste distrito, os guerrilheiros da RENAMO quando chegavam confiscavam os bens da população e raptavam pessoas que serviam como carregadores de produtos saqueados e ao longo do caminho, eram mandadas regressar. Dois anos mais tarde começaram a matar, mutilar e violar pessoas indefesas. Feliciano Chichongue conta que quando os homens da RENAMO chegaram a Dindiza roubavam gado, galinhas e, a partir de 1983, começaram a destruir lojas, queimar casas, aldeias, etc. Este procedimento passou a ser comum em todas as regiões por onde passava o que provocava êxodo populacional. As pessoas tiveram que refugiar-se em regiões onde havia quartéis ou aldeias com segurança, ou nos países vizinhos.¹²⁶ Como exemplo da população emigrada e que ainda hoje continua nas zonas de refúgio, temos os residentes de Chicualacuala B, constituídos hoje por naturais de Phetula, uma localidade do distrito de Chigubo. Chicualacuala B é hoje uma aldeia. No passado não passava de um simples acampamento dos CFM. Tomando o exemplo do que aconteceu noutras regiões, um número significativo de pessoas que se refugiaram nesta localidade, aprenderam

¹²⁵ Antigos residentes de Dindiza dizem o contrário, para eles a guerra veio de Inhambane, do distrito de Mabote. Foi lá que começaram a queimar casas. Entraram primeiro em Machaila na zona de Bauline e foi a partir daqui que se dirigiram para Dindiza. De Dindiza se espalharam para Phetula, Mabalane, etc. Daniel Fabião Chichongue, Entrevista, Chicualacuala: 19.10.95.

¹²⁶ Assinado o Acordo de Nkomati, a RENAMO tomou-se mais agressiva, devido a esse facto o interior do país ficou despovoado, o equilíbrio ecológico ficou ameaçado porque os animais tal qual como o homem não resistem às armas. A trajectória da sra. Laugeneta Manguene, mostra-nos de facto quanto teve de percorrer a procura de refúgio. Ela vivia numa localidade do interior de Mabote quando a RENAMO começou a praticar atrocidades contra a população. Na busca de refúgio ela abandonou a sua aldeia e foi para Gubugubu onde permaneceu dois anos. Depois foi para Xiguiane que teve de abandonar um ano depois quando os homens da RENAMO chegaram e assassinaram 20 crianças, tendo metido num poço os seus corpos. Seguiu então rumo a Mabote. Terminada a guerra mudou-se para Mapai ao encontro de familiares. Laugeneta Manguene, Entrevista, Mapai: 22.10.95

novas profissões, grande parte trabalhou para os madeireiros no abate e transporte de troncos até a estação e um número reduzido na serração ali existente.

Entre a população refugiada nos países vizinhos havia elementos das FAM/FPLM que devido ao recrudescimento dos combates aliado à falta de incentivos e de equipamento ou devido à intensidade dos combates e falta de coragem, abandonavam suas unidades e refugiavam-se nos países vizinhos. Os soldados das unidades localizadas na zona mais a sul do distrito, em caso de perigo, refugiavam-se no território sul-africano. Chegados ao "themba nengue"¹²⁷, tiravam o fardamento, abandonavam as armas e atravessavam a fronteira. Para ilustrar esta situação, em 1989, a 6ª Companhia, constituída por 50 homens e estacionada em Pafúri, foi atacada por um batalhão da RENAMO (cerca de 500 homens vindos da base de Malonguete) e, como não conseguia sustentar o fogo do inimigo refugiou-se na África do Sul e mais tarde foram repatriados para Moçambique através de Ressano Garcia, depois de interrogados pelas autoridades sul-africanas. A RENAMO, depois de conquistar Pafúri, instalou ali uma base. Permaneceu nove meses até que em 1990 Pafúri foi recuperado por uma força conjunta constituída por 250 homens da 2ª Brigada Motorizada de Mapai, 50 homens de uma companhia zimbabweana, e uma companhia da força especial de Guarda Fronteiras constituída por 50 homens. A RENAMO foi rechaçada para uma

¹²⁷ Themba Nengue (confia no pé) é o nome atribuído a zona de Pafúri por onde atravessavam os emigrantes ilegais para África do Sul e que foi muito utilizado durante a guerra pelas populações residentes ao longo do rio Limpopo.

¹²⁸ Feraz João Vela, Entrevista, Chicualacuala: 18.10.95

distância superior a 20 km de Pafúri.

As bases da RENAMO, mais conhecidas, localizavam-se na região de Pafúri (na zona de Leitão), em Chissuwene, em Macandazulo estava a base principal (zona sul); na zona central e norte do distrito localizavam-se em Chitanga, Chefu, Dindiza (distrito de Chigubo), Tomo (Inhambane), Nalaze, Maundge (viviam 500 homens = Batalhão), Chidulo (o comandante da base chamava-se Xiguangualakatse); Buabuatsi (nestas três segundo Luís Matuasse mesmo que fossem expulsos regressavam devido a existência de água); Malonguete (considerada 5ª zona libertada); Mavue, Matsilele, Nwanetzi (onde a RENAMO recebia hóspedes vindos da RSA), e a base central estava em Sitatonga-Manica (Mapa 5).

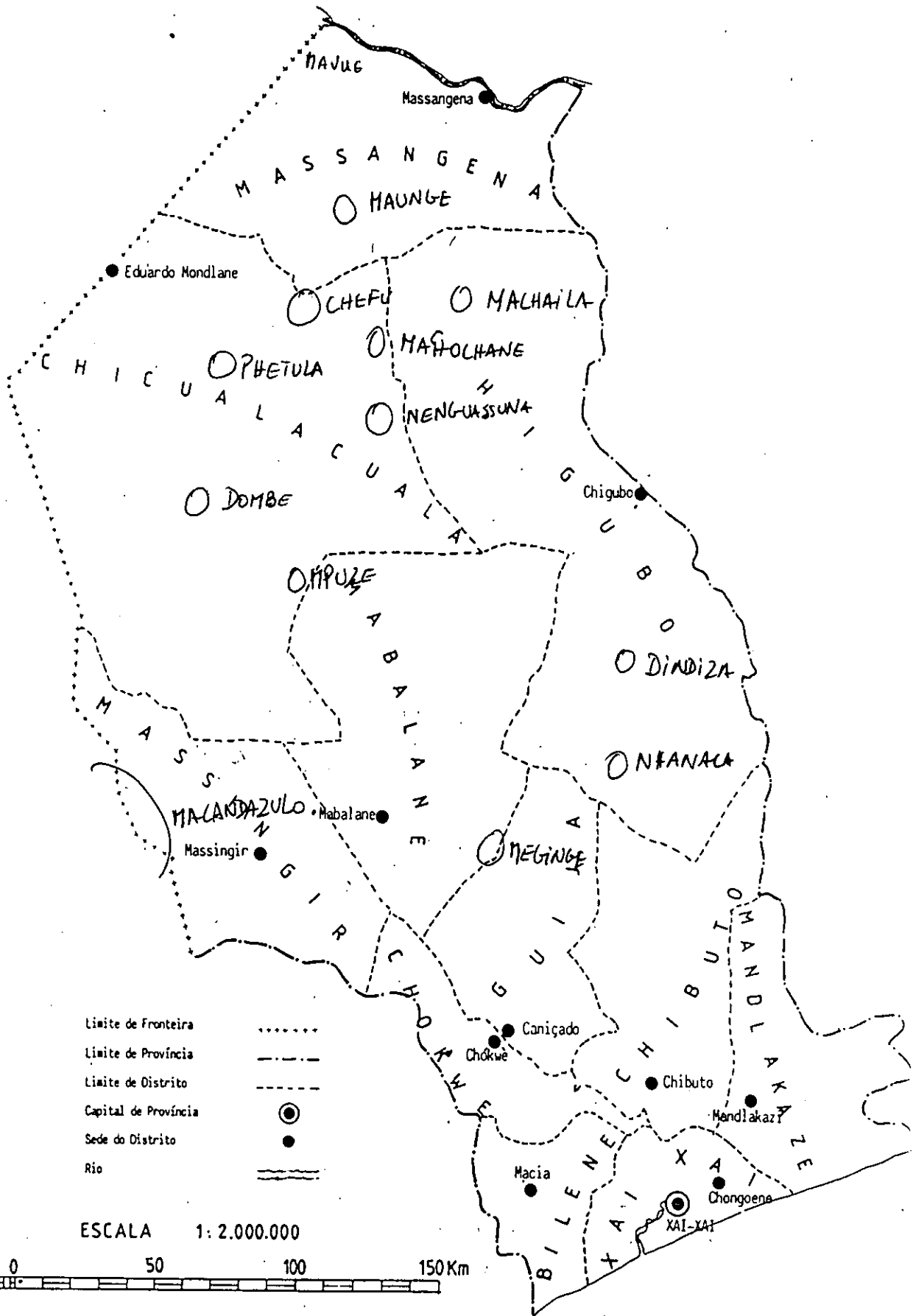
Para a defesa do distrito havia a 2ª Brigada de Mapai, um Batalhão em Chicualacuala, um Batalhão de militares do Zimbabwe em Chicualacuala-B, uma companhia de militares zimbabweanos em Vouga, e um número significativo de milicianos em cada povoado, como o caso de Chicualacuala-B que tinha duas companhias. As bases RENAMO que eram consideradas importantes no distrito são de Malonguete, Chidulo, Pafúri e Mavue constituídas por elementos treinados na África do Sul.¹²⁹

As bases da RENAMO no distrito de Mabote situavam-se em Vumane, Tomo e Mabzili.

As actividades da RENAMO no distrito incidiam principalmente, no roubo de gado,

¹²⁹Ernesto dos Santos, Entrevista: Chicualacuala-sede: 17.10.95

BASES/ACAMPAMENTOS DA RENAMO
MAIS CONHECIDOS



sobretudo nas zonas de Mabalane, Pafúri, Payupanse, que levavam para o norte seguindo as linhas de alta tensão. Muito gado foi salvo graças à capacidade combativa dos milicianos.

Durante a guerra, para se conseguir alimentos, era muito difícil porque as pessoas que se deslocavam para as suas zonas de origem eram raptadas. Para se alimentarem dependiam de donativos ou do que cada um conseguia colher ou caçar.

Não era possível cultivar a terra porque quem fosse encontrada no campo sofria represálias. Quando terminou a guerra havia cerca de 4.000 homens entre militares e milicianos a defender o distrito. Através dos factos apresentados pode-se concluir que a dinâmica da guerra no distrito de Chicualacuala não foi diferente de outras regiões do país. Na primeira fase quando a RENAMO penetrava numa região, os seus guerrilheiros confiscavam os bens da população e raptavam pessoas para servirem de carregadores e mais tarde começaram a matar, violar e mutilar pessoas indefesas. Na segunda fase, a destruição de infra-estruturas aumentou de intensidade, obrigando as pessoas a viver de produtos doados e a refugiarem nos países vizinhos ou locais de melhor segurança. Este aspecto deu origem ao crescimento dos povoados, dificultando o sistema de abastecimento de água e de géneros alimentícios.

Sobre a Segunda fase pode-se concluir que a RENAMO a seguir ao Acordo de Nkomati foi alargando as suas actividades. A paz que se esperava do Acordo de Nkomati não aconteceu. A guerra foi ganhando maiores proporções. A situação de guerra no distrito foi caracterizada por uma maior mobilidade dos homens da

RENAMO entre as bases ou no estabelecimento de novas bases, no roubo de gado e ataque às aldeias e em deslocações de recepção do apoio logístico na África do Sul. Com o início de conversações em Roma entre o Governo e a RENAMO sobretudo a partir da assinatura do primeiro protocolo regulamentando que as tropas zimbabweanas deviam-se confinar ao longo dos corredores e a Renamo devia abster-se de atacar essas zonas reduziram-se bastante as confrontações entre as duas forças. Primeiro, porque grande parte das FAM estava concentradas nesses corredor, segundo porque as tropas da Renamo evitavam limitando-se a roubar gado das populações. Esta situação manteve-se até a assinatura do Acordo Geral de Paz a 4 de Outubro de 1992.

3.5 A Importância Geo-Estratégica de Chicualacuala durante o Conflito Armado 1976-1992

O Distrito de Chicualacuala começa a ser referenciado no mapa político de Moçambique durante as campanhas de ocupação de África com a constituição do Comando Militar de Chigualaguala. A nível económico, começou para a ganhar importância a partir da segunda metade da década cinquenta com a construção da Linha Férrea do Limpopo. Mesmo assim, no distrito desenvolvia-se actividades agro-florestais, pecuárias e turísticas. Esta última actividade desenvolveu-se através da exploração da Reserva de Barhine.

O Projecto do Colonato do Limpopo, desenvolvido por Trigo de Morais, contribuiu para a fixação de colonos em menor escala ao longo do rio Nuanetzi, como País Mamede (agricultor, criador e proprietário dos transportes Ngala).

Proclamada a independência nacional em Moçambique, o regime rodesiano ataca Moçambique com o pretexto de perseguir os guerrilheiros zimbabueanos e o distrito de Chicualacuala, passa a ser um dos alvos preferenciais. A posição do distrito em relação à capital do país era o mais vizinho da Rodésia. Atacando este distrito, maior impacto teria por estar próximo do governo e do corpo diplomático, e não só, os horrores da guerra provocariam na população reacções contra o governo face a sua posição em relação a luta do Zimbabwe.

Todavia, durante o conflito armado, sobretudo quando a retaguarda da desestabilização foi transferido para África do Sul, Chicualacuala passou a ser o corredor dos guerrilheiros da RENAMO e da Inteligência sul-africana. Os Guerrilheiros preparados em Phalaborwa eram introduzidos no país através de Chicualacuala e, daqui para Manica. Apesar do comando da RENAMO ter sido transferido para África do Sul, a RENAMO mantinha as suas bases centrais em Manica e Sofala, devido às características do relevo e vegetação e a facilidade para a sua dispersão para norte e sul do país e manter o controlo sobre todas as bases. Para abastecer essas bases a África do Sul servia-se de aviões Dakota C-130, DC-3, DC-4, por via terrestre e marítima¹³⁰ A rota de apoio logístico às bases da RENAMO, tanto aéreo como terrestre, passava por Chicualacuala. Para os que iam por via terrestre, as linhas de Cabora Bassa serviam como meios de orientação dos guerrilheiros da RENAMO no seu trajecto sul-norte e vice-versa..

Os guerrilheiros que entravam em Moçambique vindos da África do Sul

¹³⁰Cf. Paulo Oliveira, Entrevista: CEA, 23.3.1988

atravessavam o rio Limpopo na zona de Bacanhamandla e seguiam através das linhas de HCB até a base de Tchefu. Daqui podiam se separar entre os que se dirigiam para Manica e os que iam para Dindiza, provavelmente, para a base de Nhanala.

Como o distrito de Chicualacuala era rico em gado e fauna bravia, os homens da RENAMO encontravam condições para a sua sobrevivência durante o trajecto. Por outro lado, realizavam muitas incursões com o intuito de roubar bovinos que levavam em direcção ao norte do distrito, supostamente para Manica.¹³¹ Por exemplo, quando roubavam gado, na zona sul do distrito, atravessavam a linha férrea na região do CODAMO, caso não, atravessavam o território entre Chicualacuala B e Vouga e se assim não fosse passavam por entre Chicualacuala B e Mapai.

O relatório elaborado por Robert Gerson em 1988, classifica as zonas afectadas pela guerra do seguinte modo: áreas tributárias, áreas sob control, área de destruição.¹³² Analisando o caso de Chicualacuala pode ser classificada como área tributária. Gersony define área tributária como uma área rural em que a população residente está extremamente dispersa ou vivendo em pequenas famílias alargadas. São áreas onde os guerrilheiros da RENAMO circulavam livremente e, dum forma rotineira, visitavam a região para recolher contribuições em galinhas, cabritos, cereais, farinha entre outros artigos domésticos. Em muitas ocasiões levavam com eles jovens ou mulheres casadas para os seus desejos sexuais. Além

¹³¹Luís Lázaro Matuasse, Entrevista, Chicualacuala B: 19.10.95.

¹³²Gersony, 1988. p.10.

disso serviam-se de pessoas dessas áreas para transportar produtos extraídos da população. Só que as pessoas das áreas tributárias, geralmente, eram mandadas de volta após terem percorrido longas distâncias. Mas isso não significava que elas em muitas ocasiões não fossem sujeitas a sevícias.

De acordo com a classificação Gersony, Chicualacuala apresenta estas características de fraca densidade populacional distribuída por um território vasto com recursos faunísticos e de gado abundantes e agrícolas ao longo do rio Limpopo e seus afluentes.

CONCLUSÃO

O distrito de Chicualacuala foi uma das primeiras regiões do país a sofreu os efeitos da guerra de desestabilização perpetrada pela Rodésia e, a partir de 1980, pela África do Sul. As acções militares do exército rodesiano são anteriores à independência de Moçambique e ocorreram a partir de 1972 como pretexto de perseguir guerrilheiros zimbabweanos que tinham sua retaguarda nas bases da Frelimo.

A presença de guerrilheiros zimbabweanos no Moçambique independente deu origem a um guerra de desestabilização que afectou todos os sectores da sociedade moçambicana. As acções de destruição agudizaram-se a partir de 3 de Março, quando o governo moçambicana declarou o encerramento das fronteiras com a Rodésia do Sul. A aviação rodesiana e o exército realizaram operações de grande envergadura que culminaram com a destruição de muitas infra-estruturas, massacres de pessoas indefesas, como o de Mapai. Enquanto atacavam militarmente, os rodesianos criavam um grupo armado de destruição de fins limitados. É este grupo que integrado na Estratégia total sul-africana torna-se agente de destruição total do país.

Declarado o fim das hostilidades em Lancaster House o distrito viveu meses de sossego até que na Segunda metade de 1980 foram detectados os primeiros focos de homens armados no distrito vindos em helicópteros sul-africanos. Era o sinal de que o distrito desempenharia papel preponderante nas relações da

RENAMO com a África do Sul na medida em que as ligações entre as bases centrais deste movimento e aquele país passariam necessariamente por este distrito. As linhas eléctricas de Cabora Bassa passaram ser os meios de orientação nas deslocações no sentido sul-norte e vice-versa (Mapa 6).

A presença de homens armados no distrito encontrava condições favoráveis por ser pouco povoado e constituído por vastas florestas. A localização, a fraca densidade populacional e a ausência de água fazia no entanto de Chicualacuala um distrito de passagem dos guerrilheiros da Renamo dos campos de treino na África do Sul para as bases centrais no centro do país.

Para a prossecução dos seus objectivos a RENAMO estabeleceu bases. No sul na fronteira com a África do Sul a mais importante localizava-se em Macandazulo, no distrito de Massingir. Nas suas ligações com a África do Sul atravessavam a fronteira na região de Pafurí de ou para Phalarborwa. As bases da RENAMO mais conhecidas estavam na região de Pafúri (na zona de Leitão), em Chissuwene, em Macandazulo estava a base principal(zona sul); na zona central e norte do distrito localizavam-se em Chitanga, Chefu, Dindiza (distrito de Chigubo), Tomo (Inhambane), Nalaze, Maundge (viviam 500 homens = Batalhão), Chidulo (o comandante da base chamava-se Xiguangualakatse); Buabuatsi (nestas três segundo Luís Matuasse mesmo que fossem expulsos regressavam devido a existência de água); Malonguete (considerada 5ª zona libertada); Mavue, Matsilele, Nwanetzi (onde a RENAMO recebia hóspedes vindos da RSA), e a base central estava em Sitatonga-Manica.

As acções da RENAMO tiveram consequências económicas e sociais desastrosas no distrito. Todas as actividades económicas ficaram paralisadas com a danificação das infra-estruturas económicas. Muitos pessoas abandonaram suas localidades e refugiaram nos países vizinhos ou viveram como deslocados em Mapai, Chicualacuala. Portanto a prática dos homens da RENAMO nas suas acções era o rapto de pessoas, o roubo de gado e destruição de infra-estruturas tornando a vinda impossível devido ao índice elevado de insegurança.

Os factores que fizeram de Chicualacuala o cenário paradigmático da guerra é sua localização geográfica e aproximação da capital do país.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAMSON, H; NILSON, A, 1994. Moçambique em Transição - Um Estudo de História de Desenvolvimento durante o Período 1974-1992, Maputo: CEE-ISRI.
- ANTUNES, José Freire, 1996. Jorge Jardim, Agente Secreto, 3ª Edição, Venda Nova: Bertand Editora.
- ARRIAGA, Kaulza de, 1973. Coragem, Tenacidade e Fé, 2ª Edição, Lourenço Marques: Empresa Moderna.
- BARNES, Ms Sam., 1997. Executive Summary: the Socio-economic Reintegration of Demobilised in Mozambique. Maputo: UNDP/RSS.
- BISSIO, Roberto Remo, 1979. Guia do Terceiro Mundo, Lisboa: Tricontinental Editora.
- CABRAL, António, 1975. Dicionário de Nomes Geográficos de Moçambique - sua origem -, Lourenço Marques [s/e].
- BORGES Coelho, João Paulo, 1984, A Primeira Frente de Tete e o Malawi, Maputo: AHM.
- BORGES Coelho, João Paulo Borges, 1986, "O Início da Luta Armada em Tete 1968 1969: A Primeira Fase da Guerra e a Reacção Colonial", in Estudos nº7, in Arquivo, Maputo: AHM.
- BORGES Coelho, João Paulo Borges, (1996), Desmobilização e Reintegração, in Arquivo nº 17, Maputo: AHM.
- DIAS, Saul, 1981, Glossário Toponímico, Histórico-Administrativo Geográfico e Etnográfico [Moçambique], Lisboa.

EGERÖ, Bertil, 1992, Moçambique, os Primeiros Dez Anos de Construção da Democracia, Maputo: AHM.

FREITAS, João da Costa, "Movimentos Subversivos em Moçambique", in MOÇAMBIQUE, Lisboa,

GEFFRAY, Christian, 1989, *Erati en Guerre: Genese, Developpment et Reproduction de la Situation De Guerre Dans le Nord du Mozambique: Districts de Namapa et erati*, Paris: Autor

GERSONY, Robert, 1988, Summary of Mozambican Refugee Accounts os Principal Conflict- Related Experience in Mozambique, Washington: U.S. Department of State.

Geldenhuis, Deon (1982), "A Controvérsia da Desestabilização: Análise de uma Opção de Alto Risco na Política Extrema da África do Sul", In: *Politikon* [Pretória]. Vol.9, nº 2. - Dezembro (Texto nº 123: CEA).

HALL, Margaret, 1990, "The Mozambican National Resistance Movement (RENAMO): A Study in Destruction of na African Coubtry", in *África*, 60: I:39-68.

HEDGES, David, 1993, *História de Moçambique*, vol 3, Maputo: Tempográfica

JOHNSON, P.; MARTIN, D., 1987, "A AfricaÁfrica do Sul Impõe Sanções Contra os Vizinhos", (adpt. e trad. Arlindo Chilundo), in Cadernos de História nº 5, Maputo: UEM-Departamento de História, pp.15-40..

MACARINGUE, Paulino José, 1997, Para a História do Surgimento dos Exércitos nos Actuais Estados AfricaÁfricanos, Estudo de Caso: A Edificação das FAM/FPLM. Maputo: UEM-Depatamento de História. (Trabalho de Licenciatura).

MACHEL, Samora, 1980, A Vitória do Povo do Zimbabwe é Fruto da Luta Armada, da Unidade e do Internacionalismo, Maputo: FRELIMOFRELIMO.

MACHEL, Samora, 1981. As Forças Armadas Devem Participar na Batalha Económica, Maputo: FRELIMOFRELIMO.

MAGAIA, Lina, 1989, Duplo Massacre em Moçambique: História Trágica do Banditismo Armado, Coleção Depoimento, Maputo: Cadernos Tempo.

MAGODE, José, 1996, Moçambique: eEtnicidade, nNacionalismo e o Estado. Transição Inacabada, Maputo: ISRI.

MANGANHELE, Agostinho R., 1997, Poder Tradicional e sua Legitimidade no Contexto Histórico de Gaza: estudo de caso no distrito de Chibuto 1897/1996. Maputo: UEM-Faculdade de Letras. (Trabalho de Licenciatura)

MENDES, João, 1994, A Nossa Situação, o Nosso Futuro e o Multipartidarismo, Maputo: Edição do Autor.

MINTER, William, 1994, Apartheid Contra: An Inquiry in to the Roots of War in Angola and Mozambique, London, Witwatersrand Univerity Press.

MINTER, William, 1989, The Mozambican National Resitance (RENAMORENAMO), as Described by ex-Participants - Research Report Submitted to Ford Foundation and Swedish International Development Agency, Washington DC.

MUIANGA, Elisa, 1995, "Mulheres e Guerra: Reintegração Social das Mulheres no Distrito de Mandlakazi", *in Arquivo*, Maputo: AHM, 1995, pp 47-93.

NEWITT, Maly, 1981, Portugal in AfricaÁfrica: The Last Hundred Years, London: Worcester.

NEWITT, Malyn, 1995, A History of Mozambique, London: Hurst & Company.

NHABINDE, Simião Amosse, 1997, Desestabilização e Guerra Económica no Sistema Ferro-Portuário de Moçambique, 1990-1992. Maputo: UEM-Departamento de História. (Trabalho de Licenciatura)

ODEN, Bertil; Olson, Thomas, 1994, The South Africa African Tripod Studies on Economics, Politics and Conflict, Upsala: Nordisk Africa African institutete.

OLIVEIRA, César, 1996, Portugal dos Quatro Cantos do Mundo à Europa: Descolonização (1974-1976) - Ensaio e Documentos, Lisboa: Edições Cosmos.

OLSON, Thomas, 1990, "África do Sul e seus Vizinhos: Estratégias Regionais em Confrontação", in Estudos Moçambicano nº8, Maputo: CEA

OLSON, Thomas, 1990, "África do Sul e seus Vizinhos: Estratégias Regionais em Confrontação", in Estudos Moçambicanos nº 8, Maputo, CEA., 1990.

PILILÃO, Fernando, [s/d], Moçambique Evolução Da Toponímia Toponímia Da Divisão Territorial 1974-1987, Maputo: Autor.

SILVA, Joaquim Correia da, 1973, Caminhos de Ferro, Caminhos do Homem, Lourenço Marques: Notícias.

SOPA, António, 1998, "Oleoduto Beira-Feruka", in Xitimela nº 5/6, Maputo:CFM.

TAJÚ, Gulamo, "RENAMO: os Factos que Conhecemos", in Cadernos de História, Maputo: UEM-Departamento de História, 1987.

TAJÚ, Gulamo, 1990, O Projecto do Engenheiro Jorge Jardim 1971-1974, Maputo: Autor.

TAJÚ, Gulamo, 1998, The Social Integration of Demobilised ex-Combatats in Mozambique, Johannesburg, Witwatersrand Univesity.

TELO, António, 1996, "O Sistema Internacional da Guerra Fria (1945-1991)", in O Estudo da História, vol 1, Lisboa: APH.

THOMASHAUSEN, André E.A.M., 1992, The Involvement of United Nation in Mozambique Peacè Process in Term of the Rome Protocolo, Maputo. (paper apresentando num seminário).

VALE, Peter, 1988, "A Inevitabilidade dos Generais: a Anatomia do Poder Branco na África do Sul", in: Seminário em Memória de Aquino de Bragança e Ruth First, Maputo: CEA, Janeiro.

VIEIRA, Coronel Sérgio, 1988, Desarmamento e Desenvolvimento: um Ponto de Vista de Moçambique, Varna: Autor (Paper apresentado em seminário) Autor, 15.10.88.

VIEIRA, Sérgio, Vectores da Política Externa da Frente de Libertação de Moçambique (1962-1975): contribuição para o estudo da política externa da RPM, in: Seminário em Memória de Aquino de Bragança e Ruth First, Maputo: CEA, Janeiro.

VINES, Alex, 1991, RENAMO: terrorism in Mozambique, London: James Currey.

REVISTAS E PERIÓDICOS

TEMPO

10.7.88 (926); 26.12.76 (325)

JORNAL NOTÍCIAS

18.8.74; 30.8.74; 31.8.74; 16.11.95; 8.5.96; 01.02.95; 18.7.95; 4.11.95; 15.7.95

EXPRESSO

4.3.89

INFORMANTES

Adriano André Massango, Chefe do Departamento Jurídico da Administração Distrital de Chicualacuala.

Albino Julai Chauque, 29 anos, natural de Mahochane - Chicualacuala, camponês, ex-miliciano.

Almeida Jurnia Jossene, 42 anos, natural de Morrumbala-Zambézia, desmobilizado das FAM/FPLM.

Almeida Luis, natural de Quelimane, Desmobilizado das FAM/FPLM.

André Jaime Manjate, Director Distrital de Educação de Chicualacuala

Armindo Uane Matuasse, 43 anos, Madereiro, natural de Phetula, ex-miliciano.

Arone Sibanda, Camponês, Natural de Quelimane.

Aurélio Matule, Chefe do Serviço Distrital de Agricultura de Chicualacuala

Bassopa Gavaza Vilanculo, 38 anos, natural de Machaíla, trabalhador do DPCCN-Gaza.

Bernardo Gubanhane Chauque, 35 anos, natural de Inhambane, desmobilizado das FAM/FPLM, Secretário do Bairro Militar de Chicualacuala.

César Semende, 33 anos, natural de Tete, desmobilizado das FAM/FPLM

Dalila Pedro Chauque, camponesa, natural de Mapai-Ngala.

Daniel Fabião Chichongue, 40 anos, natural Dindiza, Madereiro, ex-miliciano.

Ernesto dos Santos, 18 anos, Desempregado, Natural de Quelimane.

Ernesto Fernando, 35 anos, Chefe Distrital dos Serviços de Pecuária de Chicualacuala, Natural de Maxixe.

Febis Manuel Javane, 44 anos, camponês, Secretário do Partido FRELIMO de

Chicualacuala B.

Feliciano Laitha Pacule, 32 anos, natural de Inhambane, Desmobilizado das FAM/FPLM.

Feraz João Vela, 33 anos, natural de Namacurra - Zambézia, desmobilizado das FAM/FPLM.

Isac Massaducane Simango, 32 anos, natural de Chicualacuala, desmobilizado das FAM/FPLM.

João Bata, Chefe do Serviço Distrital de Florestas e Fauna Bravia

Jonas Wilson Tivane, Primeiro Secretário do Posto Administrativo de Mapai.

José Pascoal Chiphongo, 54 anos, reformado dos Serviços de Veterinária, natural de Vilanculos

Laugeneta Mangene, natural de Mabote, camponesa

Luis Lázaro Matuasse, 47 anos, Madeireiro, Natural de Phetula, ex-meliciano

Luis Maluleque, 47 anos, Professor da Escola Comunitária de Mapai, natural de Mapai-Nagala célula Buyela

Macário Omar Mohamed, 35 anos, natural de Montepuez - Cabo Delgado, Desmobilizado das FAM/FPLM.

Machanele Biza, 68 anos, camponês, natural de Munguzulala-Régulo Chicualacuala.

Macote Salomão Mahumanzdene, 36 anos, natural do Distrito de Mabote-Inhambane, Primeiro Secretário distrital do Partido FRELIMO, ex-trabalhador da Empresa de Transportes Ngala.

Manuel Simone Guivala, 45 anos, natural de Inhambane, Secretário Distrital do Partido FRELIMO para Organização e Mobilização.

Mário Mbezane, 27 anos, Comerciante Ambulante, natural do Distrito de Saute.

Paciência Azarias Chongo, Natural de Mabote, camponesa.

Paulo Chembene, Natural de Maputo, antigo combatente da luta de libertação nacional e desmobilizado das FAM/FPLM.

Salvador Mondlane, 75 anos, natural de Chibuto, Reformado da Administração Distrital de Chicualacuala.

Tsumela Samuel Chauque (Chicotela), 70 anos, Comerciante, Natural de Chidulo.